

Director, editor e proprietario
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4581
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

Portugal visto por um estrangeiro

Pelo Dr. Raymond Rué.
(Especial para o «Notícias de Guimarães»)

III
Para o turista formar uma opinião definitiva sobre o país que visita, é preciso que ele considere o que vêem não só os seus olhos, mas também o seu coração; isto é que examine conjuntamente os dois pontos de vista geográfico e humano. No nosso precedente artigo, analisámos o que nos surpreendeu e agradou na natureza; resta-nos falar do que nos interessou no carácter e no modo de pensar dos portugueses.

Todas as pessoas que foram a Portugal são unânimes em admitir que o elemento mais castiço do português é a sua amabilidade. Alguns, que têm viajado muito, afirmam que é um dos povos mais acolhedores do mundo. Este acolhimento é reputado em França; e, quanto a nós, muitas vezes, temo-lo louvado. Em relação com o Rotary Clube, claro está que fomos recebidos com a maior gentileza, pois uma das regras desta associação internacional é acolher os seus visitantes com suma benevolência. Porém, com a hospitalidade rotária, havia a hospitalidade portuguesa. Alguns sócios rotários franceses, que encontrámos em Portugal, declararam-nos que, em nenhuma nação, tinham visto gente tão amabilíssima. Em toda a parte pudemos apreciar esta qualidade particular; sempre estávamos a dizer: «muito obrigados», esta é a fórmula que mais pronunciámos durante a nossa viagem. As pessoas com quem estivemos em contacto fizeram-nos passar um mês inesquecível. A cada momento atendiam os nossos menores desejos.

Para conhecermos as belezas da sua região, deixavam as suas ocupações e não consideravam que perdiam um tempo precioso. Conduziam-nos aos passeios mais lindos, faziam-nos provar os pratos típicos e tudo isso com palavras cheias de firmeza e cortesia. Um dia estávamos com um senhor português a comer uns pêssegos deliciosos e dissemos que eram dum riquíssimo sabor. Na manhã seguinte, para o pequeno almoço, esse senhor ofereceu-nos pêssegos da mesma origem. Esta delicada atenção comoveu-nos profundamente.

Em geral permanecemos em cada «tape» 3 ou 4 dias, e, quando chegava o momento da partida, tínhamos a felicidade de ver acudir as pessoas, que tinham conhecido durante a nossa estadia, que vinham para nos acompanhar até ao comboio e para nos convidar a passar alguns dias na sua casa no próximo ano.

Portanto, o acolhimento português é verdadeiramente único e o nosso trato com os portugueses constituiu um real testemunho. No comboio, nos eléctricos, nos táxis, nos hotéis, nas ruas (quando pedíamos informação) sempre notámos a mesma amabilidade.

Por outro lado, e isto é para um francês uma causa de satisfação, verificámos a simpatia dos portugueses para com a França. Eles já se esqueceram das nossas 3 invasões napoleónicas e só consideram a quarta, a actual, esta nova descoberta do seu país.

Temos grande prazer ao ver que, nas livrarias, grande parte dos livros são franceses e que, nos livros portugueses há, repetidas vezes, uma tradução francesa; ao ler, nos cartazes turísticos, as informações escritas em francês; ao saber que, nos institutos e liceus, a língua francesa é obrigatória; e ao admirar a vontade dos portugueses de aprender o nosso idioma, ainda que sejam somente algumas expressões. Este amor para com a França via-se especialmente quando dizíamos que éramos franceses: a gente ainda tornava-se mais simpática. No modo com que os portugueses falam da França, sentimos que somos irmãos porque vemos, no seu olhar, uma inteira compreensão e um a franca comunhão conosco.

Temos que acrescentar que pensamos estar em nossa terra: os portugueses são solidários com as nossas alegrias e... com as nossas desgraças; muitos amam a França como se esta fosse a sua segunda Pátria.

O terceiro traço que nos assombrou foi a alegria portuguesa. Temos, no estrangeiro, uma ideia falsa da raça portuguesa. Quando pensamos num português, imaginamos um homem triste, com os

Lendas de Guimarães

O REI WAMBA

A. L. de Carvalho.

Morre o último rei visigodo. A dinastia é finda.

— Quem havia de governar as gentes da velha Espanha?

Um mistagogo, profetou: — Que um honrado campónio, em terras de algures, seria o rei das Espanhas. Seu nome era — Wamba.

Então, embaixadores de muita autoridade partiram em várias direcções, em busca do campónio, de nome Wamba — predestinado a ser o rei dos visigodos.

Dirigindo os embaixadores seus

passos pelos trilhos da antiga Lusitânia — que é hoje Portugal — vieram dar à Citânia, onde na crista do monte um povoado havia.

Mais a fundo, estendiam-se os campos, onde moiravam os naturais — enquanto bandos armados de invasores os não obrigavam a refugiar-se na Citânia, protegida por três muralhas.

Aqui se deparou aos embaixadores um homenzinho, lavrando a terra, o qual pelo semblante boníssimo lhes dera um palpite. E vai então, perguntaram-lhe como se chamava.

Ao que o homenzinho respondeu: — Wamba, para os servir, meus senhores!

Jubiloso deste encontro, logo disseram ao campónio, em atitude de reverência:

— Permitti que vos beijemos a mão! Sois o nosso rei, o nosso soberano! O ceptro e a coroa dos visigodos vos esperam!

Surpreso o homenzinho desta fala tão singular, respondeu, tartamudo:

— Senhores: caçoais, de certeza! Deixai-me em paz, e segui vosso caminho!...

Insistiram os embaixadores, desafiando os seus ardores, para lhes darem provas da sua missão. E rogavam-lhe que os acompanhasse, de regresso à velha Castela, onde um povo inteiro carpia e suspirava pelo seu rei.

Foi então perante tanto insistir, que o campónio de nome Wamba, habitador da Citânia, para se ver livre de tão cortezanos embaixadores, assim respondeu:

— Quando a minha aguilhada verdejar, serei eu rei!...

E a estas palavras, ditas por desfastio, juntou o gesto, enterrando a aguilhada na terra.

Nisto, ó milagre do Céu! A aguilhada, presa à terra por raízes, verdejou, refoi!

Wamba, atónito, surpreso, tartamudo, ajoelhou, ergueu as mãos, e exclamou:

— Meu Deus! Seja feita a vossa vontade!

E, Wamba, presto, acompanhado da embaixada, tomou o rumo de Toledo, no reino de Castela.

Para que bem compreendamos a razão da ida do nosso singelo campónio ao reino de Castela, à cidade de Toledo, aqui reproduzo uma parte do que sobre este caso fabuloso a «História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga», de D. Rodrigo da Cunha, deixou escrito em 1635:

«Celebrando-se o 14.º Concílio de Toledo, a que havia de assistir Limbra, que então era arcebispo de Braga, não o podendo fazer... e tendo boa notícia... do abade Wamba, de S. Martinho de Sande, o mandou em seu nome a Toledo para votar e assinar por ele quanto no Concílio fosse deliberado».

«Fechado o Concílio, Wamba recolheu ao seu mosteiro, onde viveu com grande exemplo, exercitando-se em todo o género de virtudes, pelas quais mereceu que o venerassem como santo depois de morto». Jaz sepultado — prossegue a «História Eclesiástica» — em uma igreja paroquial a que chamam Santa Leocádia de Briteiros, que em tempos mais antigos é fama que foi mosteiro da Ordem do Patriarca S. Bento».

Deste facto de base histórica provém a lenda.

Lendária história é esta que fez de um abade ou monge beneditino, o rei Wamba do reino dos visigodos, que ali reinou no século 7.º da nossa era.

Vejam os agora os pontos de contacto que ajudaram a formar esta lenda, que adejara de Castela a Portugal:

1.º — Ter existido em Santa Leocádia de Briteiros, em Guimarães, um conventículo de monges, sendo um destes monges chamado Wamba.

2.º — A existência de uma igreja em Toledo, igualmente consagrada a Santa Leocádia.

3.º — Terem estes personagens homónimos jazigo privativo nas homónimas paróquias, portuguesa e castelhana.

Refere-se a esta lenda o monótipo vimaranense, P.º Torcato, em «Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães».

Continua na 5.ª página.

Epistolário Sentimental

Carlos Carneiro.

NEVE EM PARIS

Minha Querida Amiga:

Neve em Paris! Março gelado, céu cinzento, neve. Os automóveis passam com os tejadilhos brancos, uma neve que se derrete ao tocar o chão, ruas encharcadas. Nas estações de Metro as pessoas sacodem os seus agasalhos cheios de flocos brancos e protestam contra este *salle temps* que detestam. Os cafés enchem-se mais ainda, a neve escorre dos toldos das *terasses*. Desço para uma estação do Metropolitano a caminho da Etoile, através os corredores imensos reconfortado com o calor dessas ruas subterráneas, uma melodia tocada num acordeon vai-se tornando mais nítida ao aproximar-se, passo pela mulher que toca, cega, sentada num banco, um pequeno prato com alguns francos, continuo a andar e a melodia vai-se perdendo na distância. Aproximo-me do cais; crepitar do ferro sob o rodado do comboio veloz, corra, a grossa porta de ferro fecha-se automaticamente; *rien à faire*, é preciso esperar. Chatelet. Um mundo de gente comprime-se dentro da carruagem, esmaga-se, as portas fecham-se, um telintar de campainha, p-rtto; Louvre, Palais Royal, Tuilleries, Concorde, Champs Elysees — Clemenceau, Franklin Roosevelt, Georges V, Etoile!

Subo as escadas que me levam para a rua, frio, neve, flocos leves batidos pelo vento. As árvores

violeta, os bancos dessa Praça coroadada pelo Arco do Triunfo com uma camada branca, espessa, que se derrete em água. A chama que encima o túmulo do Soldado Francês crepita numa cor de álcool, algumas pessoas param recolhidamente: *Ici repose un soldat français mort pour la Patrie*. Wagram, Austerlitz, Iena, as Águias Napoleónicas cobertas de glória. Voltada para os Campos Elisios a Marselhesa, de Rude, *arrasta os seus filhos para a vitória*. Desço a Avenida De la Grand Armée. Continua a nevar, tudo se torna cada vez mais branco, as árvores grisalhas. Entro num café, uma mulher de casaco de peles vende pequenos ramos de violetas aos casais distribuídos pelas mesas, violetas da cor de Paris neste dia de neve. O dia morre; quando chego ao Hotel, no cais St. Michel, uma neve fina risca a escuridão. Do meu quarto olho o pavimento molhado, e só o rodar dos carros, que passam continuamente, quebra este silêncio. Não vejo ninguém, só os automóveis com os tejadilhos todos brancos; estou com frio, nem o aquecimento me aquece nesta noite solitária; a solidão também arrefece... Porque não me escreves?

Começo a sentir a proximidade da partida e sinto-me mais só, preciso de notícias que me façam esquecer. Até breve, minha Amiga. Paris, Março de 1958.

Vida Rotária

Retardado

Na reunião de 4.ª-feira do Rotary Clube de Guimarães, o presidente, ao dar início aos trabalhos, referiu-se ao 1.º Centenário do nascimento do ilustre Vimaranense Dr. Joaquim José de Meira, que ocorre no próximo dia 19 e em breves palavras traçou o perfil moral de tão prestimoso Cidadão que foi, além de médico distinto e director clínico do Hospital da Misericórdia, um dos fundadores da benemérita Sociedade Martins Sarmento, que o elevou à categoria de Sócio Honorário; professor dos principais estabelecimentos de Guimarães e um político íntegro.

Depois o presidente prestou também homenagem ao saudoso vimaranense e inolvidável amigo e admirador de Rotary, Dr. José Pinto Rodrigues, a propósito do 1.º aniversário do seu falecimento, que ocorrera na véspera, e, ao terminar as suas considerações, transmitiu a todos os presentes as saudações amigas de que foi portador, do mando do querido companheiro e past-presidente sr. Leandro Martins Ribeiro há pouco regressado de Lourenço Marques, onde esteve em serviço de Inspeção do Banco Nacional Ultramarino.

Falaram no decorrer da reunião os srs. Eng. Helder Rocha, que também procedeu à leitura do expediente; Dr. Alvaro Marinho, António Ribeiro Ferreira Caldas, António de Sousa Lima e Armando Martins Ribeiro da Silva, tendo-se procedido, seguidamente, à eleição da nova direcção para o ano rotário de 1958-1959, sendo feita a recondução do presidente.

Verificou-se, por fim, o seguinte resultado:
Presidente, Antonino Dias Pin-

O CORAL DOS ESTUDANTES

de Coimbra vem a Guimarães

No próximo dia 31 do corrente visita esta cidade, levando a efeito um Sarau no Teatro Jordão, o apreciado Grupo Coral dos Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que apresentará ao público vimaranense o seguinte programa:

Música Coral de Concerto
Canções Folclóricas
Danças Portuguesas
Fados e Quintarradas de Coimbra.

to de Castro; Vice-Presidente, Eng. Helder Raul de Lemos Rocha; 2.º dito, Albano M. Coelho de Lima; 1.º Secretário, José Machado Teixeira; 2.º dito, António Augusto de Almeida Ferreira Júnior; Tesoureiro, Armando Martins Ribeiro da Silva; Vogais: António Ribeiro Ferreira Caldas e Manuel Paulino Ferreira Leite; Director do Protocolo, José Abílio Gouveia.

Procedeu-se por fim à habitual queste para o fundo Paul Harris, que rendeu 90\$00.

O presidente encerrou os trabalhos, agradecendo o voto de confiança que lhe foi confiado por todos os companheiros reelegendo-o e afirmando os seus melhores propósitos de pugnar pelas prosperidades do clube, que o mesmo é dizer de Rotary Internacional.

A Corporação dos Bombeiros

testejou solenemente o seu 81.º Aniversário

Inaugurando um novo Pronto-Socorro



Cerimónia da inauguração do Pronto-Socorro

Decorreu com grande brilhantismo a festa comemorativa do 81.º aniversário da nossa benemérita Corporação dos B. Voluntários, que este ano coincidiu com o solene baptismo de uma nova viatura, o pronto-socorro de nevoeiro, com que a Corporação acaba de ser dotada e que representa um grande melhoramento que se ficou a dever ao auxílio do Estado.

Baptismo do Pronto-Socorro

Junto do Quartel formou o corpo activo com a sua banda de música, ali se juntando também muito povo.

Eram precisamente 15,30 horas quando chegaram S. Ex.ªs os Srs. Governador Civil, Dr. António Abranches, que representava o Sr. Ministro do Interior; Coronel Serafim de Moraes Júnior, Inspector dos Serviços de Incêndios da Zona Norte; Dr. António de Moura e Silva, Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses; Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, e outras individualidades. Ali se viam também, representadas pelos seus Comandantes e elementos das Direcções, as Corporações seguintes: Riba d'Ave, Fafe, Vizela, Taipas, Amares, Cabeceiras de Basto, Amarante, Vieira do Minho, Matosinhos-Leça, etc.

O rev. P.º Luís Gonzaga da Fonseca procedeu à bênção da nova unidade e a madrinha, a gentil menina Maria Emilia Santoalha Mota Prego de Faria, fez então espargir sobre o carro uma garrafa de champanhe. Ouviram-se palmas, foguetes, e os acordes musicais do Hino da Corporação. Seguidamente a mesma menina fez levantar a bandeira que encobria os dizeres — *Coronel Serafim de Moraes*, nome que foi dado ao pronto-socorro, em homenagem a aquele ilustre Inspector de Incêndios.

Brilhante Sessão Solene

No salão nobre do Quartel, que se via repleto de convidados, entre os quais muitas senhoras, realizou-se às 16 horas precisas a anunciada sessão solene, que foi presidida pelo Chefe do Distrito, que se via ladeado pelos Srs. Dr. José Maria de Castro Ferreira, Presidente da Câmara; Coronel Serafim de Moraes, Inspector de Incêndios da Zona Norte; Dr. António de Moura e Silva, Presidente da «Liga»; Joaquim Pereira da Silva, Presidente da Corporação dos Bombeiros de Matosinhos-Leça; Eng.º Francisco Baptista Bussó-Belo, Comandante dos B. V. de Matosinhos-Leça; Comendador Alberto

Fimenta Machado; Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da A. H. dos B. Voluntários de Guimarães; Tenente Joaquim de Sousa, Comandante dos B. V. de Guimarães; P.º Luís Gonzaga da Fonseca, etc.

Em lugares reservados via-nos ainda, além de outras individualidades, os Srs. Capitão José Maria de Magalhães Couto; Dr. Joaquim de Oliveira Torres, representando o Reitor do Liceu; Prof. Mário Meneses, Provedor da Misericórdia, representando o Director da Escola Industrial e Comercial. Fernando Lage Jordão, João M. Rodrigues Martins da Costa (Al.ão), Joaquim de Sousa Oliveira Antero H. da Silva, Dr. Francisco Zagalo e Dr. Antas de Barros, respectivamente Conservadores do Registo Civil e Registo Predial; Tenente Moreira dos Santos, Comandante da L. P.; Tenente Póças Falcão, Comandante da P. S. P.; António José Pereira Rodrigues, Casimiro Martins Fernandes, Manuel Pereira Mendes, Joaquim de Sousa, Chefe da Secção de Finanças, Direcção dos B. V. de Guimarães, Comandantes das Corporações visitantes, muitas Senhoras, etc.

Falou em primeiro lugar o Sr. Dr. João A. Mota Prego de Faria, Presidente da Direcção, que saudou as Autoridades e se referiu, depois, àquele acontecimento, prestando homenagem às figuras que mais se têm notabilizado dentro da Corporação e, ainda, àqueles que lhe têm prestado seu valioso concurso. Citou, a propósito, os nomes dos Srs. Dr. Joaquim Trigo de Negreiros, Ministro do Interior; Coronel Serafim de Moraes, Inspector da Zona Norte; Eng.º Duarte Amaral, actual Deputado e devotado Vimaranense e António de Sousa Lima, a quem seriam entregues, dentro de pouco, os diplomas de S.ºcios Honorários.

Pez seguidamente, e em breves palavras, a apresentação do orador oficial da sessão, o rev. Dr. José de Jesus Ribeiro, talentoso orador sagrado, a quem foi concedida, então, a palavra.

O rev. Dr. J. Jesus Ribeiro, que falou sobre a abnegação, o amor e o sacrifício, exaltando os Bombeiros Voluntários como Heróis, daqueles que não têm estatuas e dos quais a história se não ocupa, prendeu por espaço de quase meia hora a atenção do selecto auditório, proferindo uma notável oração,

O MAIOR MIGUEL FERREIRA vai ser homenageado

Passando dentro em breve o 80.º aniversário natalício do prestigioso cidadão Major Miguel Ferreira, resolveram os seus amigos e admiradores aproveitar essa oportunidade para prestarem-lhe uma grande homenagem, a qual deverá realizar-se no dia 15 de Abril próximo, sendo já muito elevado o número de adesões recebidas.

GAZETILHA Sermões Quaresmais

VOLTARIA, A PRIMAVERA?!...

Diz a «folhinha» que sim, mas não creio, quanto a mim, que Ela tornasse a voltar... — Mas só o dulcor, latente, de a sentir dentro da gente, enquanto a Ilusão durar!...

Voltaram as andorinhas, essas meigas viúvinhas, demandando os seus beirais... — E a Primavera querida que, em flor, nos remova a Vida, não voltou... nem volta mais!...

Que ao menos não volte o frio, no seu gênio arrepio, de mãos-dadas com o vento: — nem a neve cinza as campinas, queimando as ternas boninas em seu primeiro alento!...

Mas... quer queiramos, quer não, cá nos chegou a estação, na graça dos seus odores: — em que a excelsa Natureza se despoja da tristeza, para nos cobrir de flores!...

No cantar das águas mansas, tocar-se-á de esperanças a Terra melga e louça: — p'ra que o cavador, risonho, se agasalhe em brando sonho, no anseio do Amanhã!...

Seja p'ra sempre bendinda a Primavera, tão linda, e nos afogue em venturas... — E o seu luar, de mansinho, nos ilumine o caminho, quando estiver... às escuras!...

Ortigo.

que todos escutaram verdadeiramente enlevados.

Referindo-se aos altos benefícios que presta aquela Corporação, disse que assim como dali saem mãos cheias de caridade e heroísmo, era preciso que entrassem mãos cheias de ajuda tão precisa.

O talentoso orador desenvolveu, à volta do voluntariado, oportunas considerações, falando a propósito das virtudes que fizeram as nações e cimentaram as civilizações.

O seu discurso, verdadeiramente notável, foi merecidamente coroado por uma estrondosa salva de palmas.

Falaram, depois, os Srs. Dr. António de Moura e Silva, Presidente da Liga, e Coronel Serafim de Moraes, que apresentaram cumprimentos às Autoridades e agradeceram aos B. V. de Guimarães a oportunidade que lhes deram de ali se encontrarem, congratulando-se com o progresso da Corporação.

O Sr. Coronel Serafim de Moraes agradeceu a homenagem que lhe quiseram prestar e o Sr. Presidente da Liga recordou o acolhimento dispensado por esta Cidade aos Bombeiros Portugueses, quando há anos aqui se realizou o seu Congresso Nacional.

Por último falou o Chefe do Distrito, que fez entrega do diploma de Sócio Honorário ao Sr. Coronel Serafim de Moraes e agradeceu a mesma alta distinção concedida ao Sr. Ministro do Interior, terminando num apelo para que a Cidade e o Concelho de Guimarães, de tantas e tão gloriosas tradições, e de sentimentos de tanta generosidade, não deixem de concorrer para os fins da sua Corporação de Bombeiros, acarinhando-a como bem merece.

— Em seguida e na biblioteca do Quartel, foi servido às individualidades presentes um copo d'água, durante o qual se trocaram afectuosos brindes.

Sermões Quaresmais

Pelo P. Manuel Matos.

Os pecados e a penitência dos pobres

São muitos os pecados dos pobres... mas há um que é o peor de todos... é querer ser rico.

talvez te espantes, amável leitor, mas não terei dificuldade em demonstrar-te a verdade da minha afirmação.

Bastaria citar-te as palavras de Jesus: Que importa ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?

Sim, bastaria isto... Mas eu digo mais. A ambição dos pobres, dominados pelo desejo de serem ricos, leva-os por este caminho:

a) Só pensam em si, com desprezo dos outros. A ambição é egoísta. O ambicioso é vítima do egoísmo.

No seu coração oculta-se um tenebroso desejo: ir à frente, ser o primeiro, chegar depressa ao fim. E, por isso,

b) todos os meios lhe servem; Não olha a enganos nocivos ao seu próximo;

Não hesita em ludibri-lo nos negócios;

Goza com as armadilhas em que o faz cair;

Noite e dia pensa como há-de enganá-lo. E é tão vulgar este estado de espírito entre os homens do nosso tempo, que até se respira esta mesma deletéria psicologia na vida internacional.

As Nações excogitam mil maneiras de se enganarem umas às outras.

E daí o mal-estar no mundo... daí a guerra fria...

Esta guerra fria é patente na vida da sociedade. Daí deriva a

c) falta de consciência e de seriedade. E é tão dilatado o seu reino...

Para remédio deste cancro social — e de verdadeiro cancro se trata — só há um caminho: esclarecer os homens de que a riqueza não é o fim da vida do homem.

O homem não nasceu para conquistar riquezas e, muito menos, à custa do sangue exausto do seu semelhante.

Se Deus lhe traz às mãos, aceite-a e reparta-a caridosamente pelos que necessitam.

A riqueza tem uma função social na vida do mundo, tal como o trabalho do homem e o consumo.

Da justa posição destes três elementos, em perfeita harmonia, resulta o bem-estar entre os homens e a paz social.

Na paz social o homem reconhece a presença benéfica da Providência divina,

Na desarmonia social há a revolta dos que têm fome e Deus parece ter-se perdido de vista.

Perdem-nO de vista os que navegam na abundância, pondo nela a sua felicidade e o seu coração.

Perdem-nO de vista os pobres, julgando que Deus os abandonou.

Será esta pobreza a maior das penitências dos pobres?

Talvez. Efectivamente, se à palavra penitência dermos o sentido de sofrimento, os pobres, muitas vezes, sofrem do abandono de Deus, que justamente os esquece na mesma medida em que d'Ele se esqueceram.

A fé é um conforto, mesmo até pelo limite que impõe às ambições do coração humano.

Quando perde a fé, não sente esse conforto e a sua alma fica-se a boiar num mundo imenso de desejos e de ambições sem limite.

Jesus, que conhecia as ansias incógnitas do coração dos homens, ensinou-os a rezar assim:

Pai nosso que estais nos céus... o pão nosso de cada dia nos dai hoje.

E para os convencer de que a fé confiante na Providência divina tem de ser uma realidade, disse: Vede as aves do céu; não semeiam nem colhem, mas meu Pai, que está nos céus, as alimenta...

Como há-de ser isto entre os homens?

Facilmente: semeamos todos uns para os outros, cada um no seu meio de acção, vivendo do seu trabalho — daquele trabalho que Deus fez vir cair nas nossas mãos.

O trabalho de cada dia... eis o pão nosso de cada dia...

Ordinariamente, aqueles que se contentam com esta medida, nem têm falta de pão, nem falta de trabalho.

Mas há os que sonham... e eil-os a caminho do desconhecido, tentando, ao longe e ao largo, a conquista de riquezas.

A emigração é um fenómeno assustador nestes nossos dias.

E porquê? Não é necessário responder.

O avanço da ciência veio cavar nas almas os profundos abismos do materialismo.

Deus parece dizer ao homem: queres o céu neste mundo? Busca-o, que o encontras...

E seduzidos pela vida aparentemente feliz daqueles que submergem nas riquezas, eis tantos loucos calcando a consciência, renegando a seriedade e a honestidade devida às relações sociais, lançando-se na conquista de ouro... papel e pó...

E' este o maior pecado de muitos pobres e a miséria em que caíram depois da desilusão, a sua maior penitência.

A fé um conforto, até mesmo pelo limite que impõe às ambições do coração humano.

Quando o homem perde a fé, não sente esse conforto e a sua alma fica-se a boiar num mundo imenso de desejos e de ambições sem limite.

Foi em face destas verdades que Jesus disse: que importa ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?

A posse das riquezas do mundo faz perder de vista a salvação.

Deus é aquilo... aquele dinheiro... aquele ouro... aquelas quintas... aquelas fábricas... aquelas máquinas...

Deus está ali...

— E', ou não é, isto verdade, leitor?

Pois, então, não cometas o maior pecado da tua vida... não queiras ser rico...

NOVA CASA

O nosso prezado amigo sr. José Mário Matos inaugurou há dias a sua nova **Casa Santaclara**, na Rua da Rainha, e teve a amabilidade de dirigir-nos um cativante convite a que, por motivos de força maior, não pudemos anuir.

O acto inaugural, segundo informações que colhemos, decorreu com muito brilho, tendo assistido o sr. P.º Carlos Vilas, que procedeu à bênção do estabelecimento.

Aquele nosso amigo foi muito feliz.

Também, associando-nos a tais felicitações, lhe desejamos muitas prosperidades.

Teatro Desmontável

A Companhia Rafael de Oliveira, apresenta:

Hoje, domingo, 23

A peça em 3 actos

A ROSA DO ADRO

Um Acto de Variedades

Espectáculo para maiores de 12 anos

Segunda-feira, 24

A primorosa peça em 4 actos

de Octávio Feuillet

A VIDA DUM RAPAZ POBRE

Espectáculo para maiores de 12 anos

Quarta-feira, 26

A celebre peça

A CALÚNIA

Espectáculo para maiores de 17 anos

Teatro Jordão

APRESENTA

HOJE, N'S 15 E N'S 21,30 HORAS

Diana Dors = Rod Steiger

em

A LEVIANA

Uma história violenta de paixões ocultas

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

TERÇA-FEIRA, 25 -- N'S 21,30 HORAS

Encontro Inesperado

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

QUINTA-FEIRA, 27 -- N'S 21,30 HORAS

Pedro Infante = Libertad Lamarque

em

Seis corações a compasso

(Espectáculo para maiores de 12 anos)

SÁBADO, 29 -- N'S 21,30 HORAS

Vitorio Gassman = Ana Maria Ferrero

em

GIOVANNI DE MÉDICIS

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, somos forçados a retirar, depois de composta, vária matéria, que publicaremos no próximo número.

Fica de fora, hoje, além de parte da secção «Desporto», mais: Carta a uma Senhora; colaboração de Gentil Marques, Alberto Macedo, Angelino A. Bastos e a referência à conferência feita há dias pelo nosso ilustre Colaborador sr. dr. Hugo de Almeida, e ainda alguns anúncios, bem como a crítica aos espectáculos da Companhia Rafael de Oliveira.

As nossas desculpas aos colaboradores e leitores.

COMUNICADO

A firma Joaquim Monteiro & Bargaça, com sede na Rua D. João I. 220, nesta cidade, comunica a todos os seus fornecedores e clientes, que deixou de exercer a sua actividade, embora particular, com o sr. Mário Oliveira Bragança, tomando este toda a responsabilidade de todo o activo e passivo, assim como não poderá fazer uso da firma.

Guimarães, 19 de Março de 1958.

Joaquim Rodrigues Monteiro.

O rei Wamba Portugal

Continuação da 1.ª página

Tentando dissuadir a crendice popular, fazer ver ao povo de que o rei godo, de nome Wamba, não estava sepultado no adro da igreja paroquial de Santa Leocádia de Briteiros, escreve a páginas 144 do seu livro:

«Na igreja de Santa Leocádia de Briteiros está um moimento de pedra lavrada... que é fama pública, e tradição de pais a filhos, ser sepultura de fidalgos nobres a que chamavam Bambas.

«Esta (tradição) sempre foi constante entre os moradores de Briteiros, que Bamba, 30.º rei dos godos, fôra natural desta cidade (Citània) e da geração dos Bambas».

E conclui o P.º Torcato de Azevedo na sua obra, escrita no século XVII, quanto à tradição de que a campa da porta travessa da igreja de Briteiros fosse a sepultura do rei Bamba:

«Foi engano... porquanto na dita sepultura jaz um religioso chamado Bamba».

Nada tem este frade ou abade de Santa Leocádia de Briteiros com o rei Wamba dos godos ou visigodos de Espanha.

Mas o facto deste monógrafo vimaranense tentar fazer luz sobre a estranha lenda do rei Wamba, com a sepultura em Santa Leocádia de Briteiros, nem por isso a lenda deixou de correr — demais a mais alimentada pela crendice de que o santo varão, sepultado no jazigo à porta da igreja daquela freguesia, fazia milagres!

A este propósito diz o «Portugal Antigo e Moderno», de Pinho Leal, citando Padre Cardoso, escritor:

«A terra da sepultura do santo Wamba misturada com várias ervas do passal, tocadas na imagem de Santa Leocádia, se cozem em água. Dada esta (água) a qualquer doente, em nove dias, ou sara ou morre».

Padre Arlindo Ribeiro da Cunha, cônego da Sé de Braga, professor do Seminário Conciliar, Escritor erudito, nosso muito ilustre conterrâneo, faz menção desta lenda no seu último trabalho de investigação: — «Restos das Igrejas Visigóticas».

Apreciando o caso fabuloso, considera-o, justamente — «uma surpreendente tradição!»

Na verdade é «uma surpreendente tradição» a lenda milenária! Demais que, tendo origem na velha Castela, na cidade de Toledo, surpreende como veio parar na freguesia rural de Santa Leocádia de Briteiros, e ali persista em perdurar!

E, o que é mais: Não é só em Guimarães, em Santa Leocádia de Briteiros, que a lenda do rei Wamba se enraizou. Outras terras portuguesas a narram, ligando-a porventura a casos locais.

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

visto por um estrangeiro

Continuação da 1.ª página

que o português possui um fundo de sentimentalidade, uma tendência nativa até à saudade, sobretudo no Sul. Mas, contrariamente à opinião que eu tinha ao chegar a Portugal, penso agora que o povo português é um povo alegre.

Com efeito graceja a miúdo e o riso é para ele uma coisa natural. Em qualquer circunstância canta e o canto é uma manifestação incontestável de alegria. Neste assunto, para mim a canção que corresponde à alma portuguesa não é o fado, mas sim o vivo corridinho. Nos nossas peregrinações tivemos a ocasião de presenciarmos numerosas feiras que, pelo seu número e pelo alvoroço que manifestavam, indicam bem que que Portugal é um País que gosta de brincar. Estou a lembrar-me também da chegada dum autocarro de portugueses à Penha. Tudo era grito, animação, divertimentos.

Grças a estas lembranças estou hoje mais perto da realidade...

... Com efeito Portugal é uma realidade, uma maravilhosa realidade, que nos encantou como a todos os que foram lá. A natureza e a amabilidade lusitanas são os dois recursos que criaram o fluxo da estrangeirada e que são o capital mais precioso do turismo português, porque põem nos corações uma primeira causa de voltar a esta terra predilecta.

O outro motivo é a nossa simpatia para com os portugueses: querem aos franceses, mas podem estar seguros de que esta afeição é recíproca. A nossa comum descendência latina e a história, os nossos vínculos sentimentais e espirituais são a base dum sincera amizade.

Esta deixou na nossa memória uma marca que é impossível barrar. Por isso tenho que empregar agora para nós esta palavra que já temos encontrado: «saudades»: o estribilho celeberrimo aplica-se exactamente e nós, e escrevemos a todos os portugueses:

«Não posso mesmo brincando dizer adeus a ninguém; Quem parte leva saudades, Quem fica saudades tem.»

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando a tradição falada ou escrita as conduz a qualquer ponto da terra onde o clima popular lhes é próprio, aí se mantêm, perduram, vivem, pelos séculos fora!

Admirável potencial de fantasia que transporta de uma terra a outra terra, de um país a outro país, certas lendas de maravilhosa efabulação!

Tal como as aves migratórias, em bando alado, vão de um continente a outro continente, em busca de clima apropriado à manutenção da sua espécie, também as lendas, quando

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

O Petróleo na Indonésia O que há de novo?

A palavra Indonésia quer dizer Ilhas das Índias e geográficamente abrange todas as ilhas do Arquipélago Malaio. Hoje, este termo é mais frequentemente usado no sentido político, referindo-se à República da Indonésia.

A República da Indonésia é o sexto país do mundo no que diz respeito à população. Os seus quatro principais territórios — Java, Sumatra, Calimantan (parte da Ilha de Bornéu) e Sulawesi (Ilhas Celebes) — e mais umas três mil ilhas menores, perfazem uma área territorial de cerca de 1.500.000 quilómetros quadrados. A população total é aproximadamente de 80 milhões de habitantes, dos quais 50 milhões vivem em Java, número este

panhais americanas (Caltex e Stanvac) e pela NIAM, companhia que pertence simultaneamente à B. P. M. e ao Governo da Indonésia. Há três grandes refinarias, duas da Royal Dutch/Shell e uma outra da Stanvac, que refinaram nesse ano um total de cerca de onze milhões de toneladas métricas.

Situavam-se na Indonésia os primeiros campos petrolíferos das Companhias que deram origem ao Grupo Royal Dutch/Shell. O nome primitivo da Royal Dutch Petroleum Company, fundada em 1890 com o objectivo de desenvolver a exploração de petróleo em Sumatra, era «Real Companhia Holandesa para a exploração de poços de petróleo nas Índias Holandesas» e dois anos mais

No Departamento de Engenharia Química do University College, de Londres, iniciaram-se os ensaios para a produção de margarina a partir de certas fracções da destilação do petróleo.

Copos de poli-estireno, dos que se deitam fora uma vez usados, e que provavelmente virão a substituir os copos de papel vegetal presentemente em uso nas máquinas automáticas distribuidoras de bebidas, já estão a ser utilizados nos Estados Unidos, e são agora também fabricados em Inglaterra pela Styrene Products, associada da Shell Chemical Company. E, assim, a Inglaterra o primeiro país da Europa a dispor desses copos.

É já possível instalar em quatro dias, piscinas feitas de resinas de poli-éster (derivado do petróleo) reforçado com manta de vidro, por custo inferior ao dum automóvel.

O maior produtor italiano de fibras sintéticas vai brevemente iniciar o fabrico, nos Estados Unidos, de um «papel» feito de nylon revestido dum substância plástica. Este novo papel plástico é resistente ao rasgão, à chama e imune aos insectos e à água. Afirma-se que este novo tipo de papel pode ser dobrado e desdobrado milhares de vezes sem fendilhar.

Uma bomba abastecedora de gasolina, manejada pelo próprio automobilista acaba de ser instalada numa Estação de Serviço do Novo México. O periódico *Oil and Gas Journal* informa que o automobilista pode, mediante a introdução de moedas de um quarto ou meio dólar ou de dólares de prata numa ranhura, abastecer ele próprio o seu carro.

Para o estudo de formações geológicas, dispõe-se agora dum nova câmara de televisão utilizável em furos de pequeno calibre até uma profundidade até 300 metros. A câmara trabalhará mesmo com o furo cheio de água. A projecção é feita sobre uma tela à superfície.

A primeira gasolina produzida nos Estados Unidos sem ser a partir de petróleo bruto, encontra-se agora à venda, no estado de Colorado; é feita a partir dum xisto betuminoso chamado Gilsonite.



SERVINDO A LAVOURA

A importância das pragas florestais

Justificação de um método de combate

Pelo Eng. Silv. A. Castelão Vaz, da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas

(Transcrito do *Boletim Agrícola*, publicação mensal da Shell Portuguesa)

O número de espécies de insectos prejudiciais à nossa economia agrícola ou florestal, outrora limitado a um pequeno número, tem aumentado progressivamente com a introdução no País de novas pragas. Este fenómeno, que igualmente se tem verificado noutros países, em maior ou menor escala, e que se tem traduzido por prejuízos que, nalguns casos, se podem classificar de catastróficos, constitui um grave problema para o qual os técnicos e os governos procuram uma solução, quer executando medidas de quarentena tendentes a impedir o seu alastramento, quer estudando e executando os meios de luta mais eficientes que visem a sua exterminação.

A luta contra as pragas, nomeadamente as florestais, agravadas pelo carácter extensivo dos povoamentos que atacam, constitui sempre um problema de difícil solução. Não raro os métodos empregados têm conduzido a resultados pouco satisfatórios, tornando-se bem evidente a dificuldade em restabelecer o equilíbrio do complexo biológico que é a mata, profundamente alterado pela introdução dum ser estranho à sua entomofauna.

O número de insectos capazes de constituírem pragas prejudiciais à nossa silvicultura é elevado. Se algumas são mais conhecidas pelas consequências de ordem estética que imprimem à paisagem, mostrando-nos o aspecto sempre desagradável de grandes povoamentos total ou parcialmente desfolhados, outras há que não sendo espectaculares nos seus efeitos, causam todavia prejuízos incalculáveis à silvicultura.

Perante o facto inegável do desencadear das forças da Natureza que representa o ataque violento dum praga na floresta, dividem-se os técnicos na interpretação do fenómeno e nos métodos que preconizam para a sua neutralização.

A luta biológica (entomológica, patológica ou ornitológica) é sempre uma arma a considerar pelo técnico, desde que possa constituir solução. Como sucede, porém, que o mesmo remédio não serve para todos os males, e o facto é que este método de luta, na grande maioria dos casos, tem-se revelado recurso insuficiente, é sempre lógica a escolha de qualquer outro método que porventura se mostre mais eficiente, a menos que estejamos dispostos a ceder perante o inimigo.

A luta mecânica, compreendendo neste método a raspagem ou colheita de posturas ou ainda a sua supressão pela poda de ramos, a apanha de ninhos de larvas de crisálidas ou de insectos perfeitos, embora frequentemente usadas, tais práticas resultam normalmente pouco económicas, e na maioria dos casos são pouco eficazes.

O método cultural, isto é, a substituição das espécies vegetais pelas quais o insecto mostra preferência alimentar, por outras mais resistentes ou imunes ao seu ataque, é igualmente um recurso a considerar. A composição da mata é certamente uma das principais razões que explicam o diverso comportamento dum mesma espécie de insecto que numa região é considerada inofensiva e noutra constitui praga.

Modernamente alguns entomólogos afirmam que o desenvolvimento das pragas está inter-relacionado com o estado de degradação da floresta. Assim, nas florestas perto do clímax poderão coexistir as diferentes populações de insectos no seu complexo biológico sem que resulte qualquer inconveniente; com a degradação da floresta romper-se-á todavia este equilíbrio que se traduzirá pelo desenvolvimento anormal da população de uma só espécie, em relação às restantes, com manifesto prejuízo da comunidade vegetal.

Ponderadas as razões justificativas desta teoria à luz da fitosociologia, ciência moderna da qual muito há que esperar com repercussão directa no desenvolvimento da silvicultura, é de crer que, mais tarde ou mais cedo, ela contribua para o esclarecimento de certos pontos ainda presentemente obscuros. Entretanto, a morosidade (centenas ou milhares de anos) na diferenciação das associações vegetais constituintes das séries que mais tarde culminarão no clímax ou seja a associação estável que, segundo aqueles autores, reunirá as condições ideais tendentes à manutenção de povoamentos isentos de pragas, não nos permitiria pensar na resolução do problema, a não ser a longo prazo.

Resta ainda saber se a associação clímax será sempre compatível com a exploração económica; se o aumento demográfico mundial que de ano para ano reivindica maior espaço para a agricultura, e as exigências dum indústria sempre crescente e progressiva, e exigente na utilização dos produtos e subprodutos da mata, quer sob o aspecto qualitativo, não constituirão um factor decisivo no condicionamento da cultura e exploração florestal. Conduzida mais nos moldes da cultura intensiva extreme afastar-se-á assim do seu aspecto primitivo (clímax) em que a espécie florestal explorável em jardinagem estaria certamente em minoria na constituição da série de que faz parte integrante.

Tendo a sua origem na degradação do solo e da floresta, não oferece discussão o fundamento científico em que se apoiam aqueles autores. Porém, não basta apontar os erros dum silvicultura precária, como causa de diversos males, e, em seguida, cruzar os braços. Esta posição pode sem dúvida ser muito cómoda mas não constitui própria para uma solução do problema para os proprietários que hoje suportam os graves prejuízos causados pelos insectos.

O lavrador que se vê a braços com uma praga que implacavelmente lhe destrói o pinhal ou o sobreiral, não se satisfaz com uma explicação mais ou menos erudita sobre técnica florestal, e ainda que sollicitamente se lhe proponha uma modificação radical na sua exploração, de modo a preservá-la do ataque de insectos daí a 500 anos, o conselho decerto não será de molde a entusiasmar-lo.

A necessidade de enfrentar o problema, procurando uma solução que a curto prazo atenuar os prejuízos, sem contudo descurar os meios que embora a longo prazo possam prevenir o mal, sem dúvida muito melhor do que curá-lo, parece-nos ser a melhor atitude a tomar.

A revolução que a descoberta recente dos insecticidas orgânicos veio causar nos domínios da agricultura

e silvicultura e como processo de saneamento, iguala-se à dos antibióticos no campo da medicina e à desintegração do átomo no campo da física, nos conhecimentos que até há pouco tínhamos sobre a matéria. Como afirma E. Weyl (Fazenda 46 (?) 1951) o emprego de insecticidas nos E. U. A. como prática usual de lavoura veio elevar de bilhões de dólares o rendimento da agricultura do País, e isso com um número de homens trabalhando a mesma superfície anteriormente cultivada.

Deste modo, a luta química, depois que foram lançados no mercado os modernos insecticidas à base de D. D. T., B. H. C., Chlordane, Aldrin, etc., que aliam à sua grande eficácia uma quase inocuidade para os animais de sangue quente, nas doses habitualmente empregadas, constitui hoje a grande esperança dos que não esmorem na luta contra tão prejudicial inimigo.



Mapa da Indonésia, assinalando os campos petrolíferos e as refinarias

quase idêntico ao da Grã-Bretanha, mas concentrado em metade da sua área.

Estas ilhas, descobertas pelos portugueses no início do século XVI, estiveram mais de trezentos anos sob a coroa holandesa e eram conhecidas pelas Índias Orientais Holandesas. Foram ocupadas pelos japoneses na II Grande Guerra e durante esta ocupação sujeitas a uma forte propaganda anti-occidental que encorajava a sua separação da Holanda. Depois de prolongadas conferências que duraram vários anos e nas quais as Nações Unidas tomaram parte, a Holanda e a Indonésia chegaram em 1949 a um acordo pelo qual esta se tornou um estado autónomo, chefiado pelo Presidente Socarno. A parte ocidental da ilha de Nova Guiné, cuja população é na sua maioria composta por papuas, não foi abrangida por aquela transferência de soberania, tendo-se mantido território holandês. No fim de Novembro de 1957, a Assembleia Geral das Nações Unidas rejeitou uma proposta que tinha em vista convidar a Holanda e a Indonésia a discutirem o futuro da Nova Guiné Ocidental. Esta rejeição foi motivada por o Governo da Indonésia ter agido contra vários interesses holandeses.

Os habitantes da Indonésia são principalmente lavradores e oriundos de várias raças, predominando a Malaia. Em 1952 a população holandesa era de 140.000 habitantes, metade dos quais euro-asiáticos. Em meados de 1957, o número total de holandeses existentes na Indonésia foi avaliado em 50.000. Vivem ainda nestes territórios mais de dois milhões de chineses.

A Indonésia é o principal produtor de petróleo bruto no Oriente e a sua indústria tem um papel importante na economia do país. Emprega cerca de 50.000 pessoas e a sua produção, além de prover às necessidades internas, é exportada para os principais portos do Oriente, cuja procura total satisfaz em cerca de 20 %. Em 1956, 25,5 % do total das exportações da Indonésia coube ao petróleo, o que se pode comparar com as percentagens de exportação de borracha (40 %), estanho (7,2 %) e produtos derivados das palmeiras (5,1 %).

A produção total de petróleo bruto em 1956 foi de cerca de 12,7 milhões de toneladas métricas. Este petróleo foi extraído em Sumatra, Java e Calimantan pela Royal Dutch/Shell (B. P. M.), por duas com-

tarde a refinaria da Royal Dutch em Pankalan Brandan, Sumatra, entrou em plena actividade. Em 1896 Marcus Samuel, fundador da Shell Transport and Trading Company, que até aí comprava o petróleo para o seu comércio, obteve uma concessão em Bornéu onde instalou a refinaria de Balikpapan.

Depois da ligação da Royal Dutch com a Shell em 1907, os campos petrolíferos de Sumatra, Bornéu e Java continuaram a ser uma das mais importantes fontes de fornecimento do Grupo. Em 1938, a produção Shell nessa área (5,4 milhões de toneladas por ano) representava um sexto da produção total do Grupo, mas em virtude das destruições devidas à guerra tal produção sofreu grande baixa. Porém, em fins de 1956 tornou a elevar-se para 5,25 milhões de toneladas por ano, contra os 4,36 milhões da Caltex e os 3,08 milhões da Stanvac.

Grande parte do petróleo do Grupo na Indonésia é fornecido pelos campos de Sumatra, onde em 1956 se extraíram 3,83 milhões de toneladas sendo o restante proveniente de Java e Calimantan. Há ainda outros campos como, por exemplo, os do Norte de Sumatra, onde ainda não foi possível retomar os trabalhos de extração.

A organização comercial do Grupo na Indonésia, abrange 68 % do comércio interno e 93 % das bancas. Os produtos de maior consumo no mercado interno são o petróleo de iluminação e a gasolina, e em 1957 a Shell vendeu um milhão de toneladas destes produtos por intermédio da Indonésia, não só nos centros de população principais, mas também em milhares de ilhas afastadas.

Por tudo isto, o Governo da Indonésia reconhece que a Companhia do Grupo estabelecida na Indonésia é uma entidade internacional cuja existência é de importância vital à economia do país.

Pegadas «humanas» no fundo do mar

O «Abominável Homem das Neves», que supostamente habita o Himalaia, tem um rival no «Abominável Homem do Mar», que vive no fundo dos oceanos.

De facto, o Dr. Antony Laughton, do Instituto Britânico de Oceanografia, fotografou estranhas pegadas «humanas» no fundo do oceano, a cerca de 5.000 metros de profundidade.

Seria interessante — disse — saber de onde provêm essas pegadas. Estudamos as fotografias, cuidadosamente, a fim de descobrir o mistério, mas até agora nada de concreto resultou.



Enquanto os cães, que puxam o trenó, gozam um bem merecido repouso na neve que cobre as florestas da Alberta do Norte (Canadá), uma equipa de pesquisa científica da SHELL OIL, procura determinar se há petróleo nas formações rochosas do subsolo

PARA AS LEITORAS



Chemisette confeccionada em popelina de riscas. Para poder ser usada por fora da sala, é rematada na cintura por um cós preso por dois botões

A sede de gasolina

O American Petroleum Institute publicou, recentemente, alguns interessantes números que dão a medida exacta da sede de gasolina no mundo moderno. Só nos Estados Unidos foram queimados, em 1956, cerca de 8.100 litros de gasolina em cada segundo nos automóveis, camiões, autocarros, aviões, barcos e outros meios de transporte accionados a gasolina. O Estado que mais contribuiu para este *record* do consumo anual de gasolina, que totalizou aproximadamente 252 mil milhões de litros, foi o da Califórnia, seguido pelo do Texas em segundo lugar e Nova Iorque em terceiro.

Ao publicar estes números estatísticos, o A. P. I. acrescenta que há menos de quarenta anos era necessário o dobro das rammas de petróleo para produzir um litro de gasolina do que é preciso hoje — esta explicação, claro está, baseia-se na evolução das diversas técnicas, tal como pirocissão catalítica e térmica, que aumentaram radicalmente tanto a quantidade como a qualidade de gasolina recuperável de um dado volume de rammas.

A ANEDOTA

Um cavalheiro, acompanhado por um grande cão, apresenta-se na bilheteira de um cinema para ver «A Taberna». Compra um bilhete para ele e outro para o cão que se senta e começa a contemplar o filme. No fim da sessão, um espectador que estava ao lado do animal, diz para o cavalheiro:

— E extraordinário, o seu cão parece ter gostado muito do filme!

Resposta do cavalheiro: — De facto; eu também estou admirado, porque ele não gostou nada do livro!

Do Concelho

Caldas de Vizela

Bombeiros Voluntários de Vizela

Toma posse hoje, pelas 15 horas, do cargo de 1.º Comandante dos Bombeiros Voluntários desta Vila, o Sr. António Montenegro Mendonça Pinto, elemento afecto aos Bombeiros e muito estimado nesta região.

A posse ser-lhe-á concedida pela Direcção da Real Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vizela, de harmonia com o despacho do Sr. Inspector de Incêndios da Zona Norte, e o acto terá lugar no Salão Nobre desta prestante e humanitária Associação.

Os horários dos comboios e automotoras

A nossa Vila continua a ser mal servida por certos horários em vigor, entre a nossa Estação e a sua congénere de Guimarães.

Quando será que a C. P. se resolverá a atender os muitos pedidos de operários e estudantes?

O atraso da automotora que chega a Guimarães às 13 horas, permitiria que lhes fosse possível vir almoçar a casa, evitando desse modo uma despesa suplementar.

Quando será substituída por uma grande automotora que parte da nossa Estação às 6,57 para Guimarães?

A automotora pequena não dispõe de lotação suficiente para atender todos os operários que dela se utilizam e muitos deles vêm-se na necessidade de percorrer a pé os 8 quilómetros que medeiam entre as duas Estações, na incerteza de conseguirem nela um lugar.

Por outro lado, a última automotora que parte de Guimarães para esta Vila é às 19,30, não havendo depois qualquer outro transporte, o que não será da conveniência da nossa terra e da sua gente, mormente no período da hora de Vento.

Aqui ficam os nossos reparos, na esperança de que sejam ouvidos por quem de direito.

A Banda de Música de Pevidém abrilhantará as Festas de Vizela

A Comissão das Grandes Festas anuais da nossa Terra, continua a trabalhar com grande empenho para que estas se revistam de desusado brilhantismo, e a prová-lo está o facto de ter já fechado contrato com a já consagrada Banda de Música de Pevidém, da qual já tivemos várias vezes o prazer de ouvir os seus concertos através da Emissora Nacional, e que com a Banda dos Bombeiros Voluntários de Vizela e a da Sociedade Filarmónica Vizeleense, terão a seu cargo a parte musical das referidas Festas.

Futebol

No Campo Agostinho de Lima, disputa-se hoje, pelas 15 horas, um encontro de futebol entre o Futebol Clube de Vizela e o Celoricense Futebol Clube, a contar para o Campeonato Regional da II Divisão.

Teatro Cine-Parque

Apresenta hoje, pelas 15,15 e 21 horas, o emocionante filme de aventuras e acção, *A Espada Saracena*, com Ricardo Montalban e Betty St. John. (Espectáculos para maiores de 12 anos.)

Domingo, 30 — *A Rapariga das Salinas*.

Farmácia de serviço

Hoje está de serviço permanente a Farmácia Campante, telef. 48272.

De Covas

Nota da semana

Os beneficiários dos Serviços Médico Sociais que necessitam de ir ao dentista têm de esperar quinze dias para serem atendidos.

Parece-nos que estão ao cuidado do posto clínico de Guimarães milhares de beneficiários e que nem meia dúzia podem fazer a inscrição diária para o dentista.

Se fosse possível «adivinhar» a data em que se necessita de tratamento, era muito natural que o remédio viesse a tempo...

Apontamento

Numa das últimas noites o Senhor Joaquim Neves, do lugar da Valinha, apanhou com a «boca na botija» um «pilha-galinhas» enquanto o outro desaparecia na escuridão.

Consta-nos que estes malandrins (que devem ser os autores dos inúmeros roubos que ultimamente se têm verificado) não foram entregues às autoridades. Ora isto não pode ficar assim, pois são inúmeros os queixosos e não é um que pode perdurar, livrando, assim, estes malandrins da Justiça. Esperamos voltar a abordar o assunto com melhores informações.

Três notícias

Depois da Páscoa, vai o Grupo «Bem-Fazer» vestir um grande número de crianças pobres desta localidade e freguesias circunvizinhas.

Entre outras, uma da freguesia de Taboado que não tem com-

parecido na escola por não ter que vestir.

Ainda não começaram com a reparação da estrada Covas-Penha e a empresa de camionagem está em riscos de suspender as carreiras a partir desta localidade.

Não se compreende que o comboio de mercadorias e que faz serviço de passageiros, saindo da Trofa às 5,05, com chegada a Guimarães às 8,31, ainda chegue aqui algumas vezes com atraso.

Apontamentos da cidade

Atestados — De quando em vez calha perguntar, justamente porque perguntas idênticas nos são feitas:

— Por que será que a Junta de Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira leva, por preencher ou assinar os atestados, mais 60% do que está oficialmente estabelecido?

Não se poderá saber, Sr. Presidente da Junta? — C.

Guardizela

Continuando

Se perguntássemos a muitos dos que através de *Notícias de Guimarães* foram forçados a ouvir no seu penúltimo número a nossa maçoadora choradeira em prol da Caridade de Guardizela, talvez que a resposta de cada um fosse a mesma que Aristóteles deu a um grande falador, que depois de o haver mortificado, lhe perguntou se o havia incomodado muito: «Por Deus! Não estava atento».

Existem destes?... É possível! Porém Aristóteles lá tinha a sua razão e o nosso caso é bem outro.

Guardizela tem, infelizmente, de criar uma instituição de caridade, como tantas outras que noutras bandas existem, por intermédio da qual a pobreza extrema desta freguesia possa, mesmo que ao de leve seja, ver suavizada a sua amargura — e tudo o que a propósito disto se diga, se escreva ou se faça, nunca será nada para aquilo que seria necessário dizer-se, escrever-se ou fazer-se.

Ora, porque a indigência de Guardizela, que nunca foi minorada, é um terrível pesadelo que vem afligindo as consciências generosas da nossa gente e que tão mal diz do brio dos nossos corações caridosos, urge, pois, que a desbravemos como à urze do monte se faz quando se pretende aproveitar terreno para cultura.

...E as entidades locais têm um importante papel a desempenhar neste sentido.

Para elas vai o nosso apelo e temos confiança que as mãos serão metidas na consciência de cada um e algo se venha a fazer a bem da pobreza da nossa terra.

«Os que podem aos que precisam», assim se diz e assim deve ser, para que desta forma possamos contar com a classificação de bons administradores dos bens que na Terra nos foram confiados, quando um dia a Voz poderosa nos intimar: *Dá-me conta da tua administração*.

Veremos, pois, se nem todos nos responderão, agora, que perguntamos: fomos maçoador? — «Por Deus! Não estava atento».

Os carteiros de Riba d'Ave e Delães reuniram-se num almoço de confraternização

Os carteiros de Riba d'Ave e Delães, Srs. João de Freitas, Alberto Lopes, João de Barros e Manuel Gomes e ainda o guarda-fios Sr. Faria, reuniram-se, no último domingo, numa pensão em Riba d'Ave, num almoço de confraternização para celebrarem a passagem de alguns ao quadro.

Regozijando-nos por este acontecimento feliz, daqui enviamos a estes nossos bons amigos, qual deles o maior, os nossos cumprimentos de felicitações, ao mesmo tempo que fazemos votos por que essa dignidade, da passagem ao quadro, que agora se verificou para alguns, a todos seja conferida no mais curto espaço de tempo possível.

De Fátima

Da sua romagem a Fátima, regressou a esta freguesia a Senhora D. Maria Augusta Salgado Lobo Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo e ilustre conterrâneo Senhor Adelino José Ribeiro.

As nossas felicitações pelo bom regresso da visita que a estimada guardizelense fez a pé a Fátima e que as bênçãos da Virgem Mãe cubram de graças esta tão exemplar família.

Por Moreira de Cónegos

Como estava anunciado, passou nesta localidade a corrida em bicicletas, na qual tomou parte o corredor do F. C. do Porto Sr. Manuel Martins de Almeida, nosso caro conterrâneo, que na classificação geral teve a honra de ficar em 2.º lugar.

Parabéns, pois, ao brioso jovem corredor.

Teve lugar no domingo, nesta freguesia, a Feira Bovina de Santo António.

Embora o tempo se mostrasse bastante invernos, registou-se, lo-

entanto, muita afluência de lavradores, que são, afinal os verdadeiros interessados.

Com muita concorrência de fiéis, efectuaram-se nesta freguesia, nos passados dias de terça, quarta e quinta-feira as confissões para a Comunhão Pascal. (A. F. de M.)

Campelos

Festividades em honra de S. José

Realizaram-se, como o tínhamos noticiado, as solenidades religiosas em honra de S. José em Campelos, que constaram de Missa Solene e Sermão. A parte coral, a cargo das Oficinas de S. José e sob a competente regência do Rev. Padre Miguel Carneiro, a todos agradou plenamente. O panegírico de S. José, foi feito pelo distinto orador sagrado Rev. Doutor José de Jesus Ribeiro, que evocou com eloquência as virtudes do grande Santo, modelo dos chefes de família, exemplo dos operários e excelso patrono e defensor da Santa Igreja. A sua imagem estava lindamente ornamentada em altar armado na tribuna, donde pôde ser vista e venerada pela multidão de fiéis que enchia completamente o espaço templo. Para isso muito contribuiu a boa compreensão dos industriais e comerciantes da terra, que como verdadeiros cristãos e devotos de São José, encerraram as suas portas, como aliás tínhamos alvitado, seguindo o magnífico exemplo do nosso primeiro estabelecimento industrial. Estão, pois, todos de parabéns, especialmente os José da nossa terra, que por feliz iniciativa do Centro Operário de Campelos quiseram festejar o Santo do seu nome, no seu próprio dia. Há já quem diga que para o ano é mister fazer-se uma festa maior, ideia que nós aplaudimos, esperanças numa mútua compreensão. «Aonde todos ajudam, nada custa». Avante, pois!

Campelos na Covilhã

Com o desportivo fim de acompanhar a equipa do Vitória de Guimarães na sua deslocação à cidade da Covilhã, foi organizada e levada a efeito uma excursão, onde os adeptos do futebol puderam estar presentes nesse difícil encontro.

Longa jornada de belo efeito, mas também de peripécias sem conta, algumas das quais poderiam ser graves. É o caso das estradas em péssimas condições para o trânsito. A razão fundamental deste nosso arrazado é simplesmente para focar este facto, que se não fosse a perícia do motorista ter-se-iam registado cenários desagradáveis. Por tal motivo achamos por bem deixar aqui registado o seu nome, como prova de admiração e agradecimento que nos mereceu o Sr. Nunes, da Empresa João Ferreira das Neves, profissional competíssimo e conhecedor absoluto do seu ofício.

Dizíamos que as estradas estavam péssimas e na verdade não se tolera que nestas vias de grande movimento se encontrem largos espaços intransitáveis. A poucos quilómetros de Oliveira de Azeitões, foi o primeiro susto. Quando tudo parecia seguir normal, o veículo derrapa na lama, que uma chuva miudinha fez sobre o alcatrão, em virtude das obras nos cabos telefónicos subterrâneos. E lá fomos a pé enquanto este estado deplorável se mantinha na estrada. O carro seguia também a passo de caracol, para evitar novo percalço. Depois, logo na saída de Albergaria-a-Velha, novo purgatório nos apareceu. Tremem os medrosos e os mais arrojados. O caso não era para menos. Vimos a caminheta ir lateralmente de zorro várias vezes na lama que a mesma chuva tinha feito, desta vez por causa das obras duma nova estrada em construção. Aquela terra barrenta, espalhada sobre o alcatrão, era uma autêntica rasteira. Mais manobras e mais esforço — pobre motorista, tivemos pena do seu estado — e lá conseguimos, com a ajuda de Deus — podemos assim dizê-lo — sair daquela embaraçosa situação. Este ponto principal da excursão, que com mágoa focamos, constituíu, por assim dizer, o momento culminante do longo — 579 quilómetros! — e penoso — uma hora perdida a transportar obstáculos — percurso. De resto, tudo às mil maravilhas, a não ser a aflição de alguém na perigosa descida do Marão, que afinal se fez sem novidade. E, assim, depois de termos saído de Campelos às três horas da madrugada de domingo, regressamos ao ponto de partida às cinco horas da manhã do dia seguinte. Nunca na nossa terra se fez passeio tão longo e em tão poucas horas.

Para terminar este nosso apontamento, chamamos, pois, a atenção da Junta Autónoma das Estradas, para o lamentável estado em que elas se encontram nesse distrito, que deveriam ser lavadas ou cobertas de areia para melhor segurança do trânsito. É inadmissível que depois de Albergaria-a-Velha nem um só sinal exista que anuncie tal perigo, o que a continuar assim pode causar de futuro factos tristes e irremediáveis, que se poderiam muito bem evitar. É urgente este problema, senhores!... Uma só vida que seja, vale bem a nossa melhor atenção. Por isso é mister remediar quanto antes aquele mal.

Padre Miguel da Silva Carneiro

Comemorou no passado dia 20 o seu aniversário natalício, na sua terra natal, junto de sua família, o

OS BOMBEIROS DE GUIMARÃES

No passado dia 19 do corrente, reuniu a Assembleia Geral da Associação dos Bombeiros Voluntários desta cidade, para o que, com a devida antecipação, se fez a respectiva convocação, por intermédio da imprensa local.

O fim, como constava da mesma convocação, foi a apresentação das Contas de Gerência do ano findo e a eleição dos Novos Corpos Gerentes.

Como de costume, foi uma tristeza; apenas dois sócios, além dos que fazem parte dos corpos directivos, compareceram a esta importante assembleia.

Mereciam ser citados nestas colunas, já não digo louvados, por terem cumprido o seu dever, mas o que é certo é que são invariavelmente sempre os mesmos que comparecem, cónscios dos seus deveres associativos duma Instituição que é merecedora de mais respeito e consideração das pessoas que constituem a reduzida massa associativa.

Dos seus 400 sócios, só dois quiseram saber o que se fez durante um ano nesta Casa, bom ou sofrível, mas que se fez com sacrifício, não de mim, que sou novo nos seus Corpos Directivos, mas daqueles que há mais de 18 anos aqui trabalham consecutivamente, e sempre com o melhor do seu esforço e competência, para o bem da colectividade e da Terra.

Não chega a 400 o número de associados, numa cidade de cerca de vinte e cinco mil habitantes e dum concelho de perto de cem mil.

Já por diversas vezes se têm feito apelos à população, quer por meio da Imprensa, quer directamente às pessoas por meio de profusa distribuição de circulares, pedindo para se inscreverem como sócios desta tão prestimosa Associação.

Têm sido bem poucos os que correspondem aos nossos apelos e se inscrevem na reduzida lista de associados.

Mas, porquê este desinteresse colectivo por esta Associação?

Acaso os desinteressados homens que compõem o Corpo Activo, alguma vez se negaram ao cumprimento abnegado a que se votaram, ao virem enfileirar ao lado de tantos outros, que têm por dever ajudar a valer ao próximo nas suas horas cruciais?

Alguna vez esta Associação deixou de prestar imediata assistência com a sua ambulância, sem olhar a que tais serviços possam ser remunerados quando deles alguém necessita?

O que pensa esta gente, então? Que os bombeiros são obrigados a ajudar toda a gente, só porque o são?

Sim, eles estão sempre prontos a deixar as suas oficinas, o seu trabalho, a sua vida e correm ao menor sinal de perigo, em socorro do seu semelhante. Cumprem, portanto, desinteressadamente aquilo a que se votaram ao envergar a farda de voluntário.

Mas isto tem de ter a sua retribuição, a que se lhes deve em carinho, solidariedade e estímulo, que tão pouco é em relação a tão desinteressados serviços que prestam à causa da Humanidade.

Quatrocentos sócios! Estes mesmo, só porque o são, imaginam que

nosso prezado amigo Rev. Padre Miguel da Silva Carneiro, a quem por tal motivo desejamos longa vida e apostolado fecundo. *Ad multos annos*.

Doente

Encontra-se algo adoentado o nosso prezado amigo e assinante Sr. Joaquim Maria da Silva Carneiro, funcionário superior da Fábrica de Campelos. Rápidas melhoras e completo restabelecimento é o que desejamos. — C.

Caldas das Taipas

Açude no rio Ave

Tudo se conjuga para que em breve seja construído um açude no Ave, junto do Parque de Turismo, tornando o rio navegável, como é indispensável.

Trata-se de uma iniciativa já velha, e que agora entra em vias de realização.

Prof. Abel Cardoso

Devido ao seu estado de saúde, encontra-se nas suas propriedades da freguesia de Gondomar, do nosso concelho, o Sr. Professor Abel Cardoso.

Padre José Maria Baptista Felgueiras

Das Taipas, deslocaram-se à cidade de Guimarães várias pessoas para assistirem à conferência do ilustre advogado Sr. Dr. Hugo de Almeida, proferida na F. N. A. T. sobre o saudoso missionário e vimaranense, Sr. Padre José Maria Baptista Felgueiras.

Sociedade

Cumprimentámos nesta vila o Senhor Engenheiro Rosas da Silva, Prof. da Universidade do Porto.

— Regressou a Lisboa o Capitão-de-Mar-e-Guerra Sr. Dr. Nuno Salgueiro. — C.

EDITAL

Licenças de Estabelecimento Comercial ou Industrial

Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães:

Faço público que durante o mês de Abril deverão ser pagas eventualmente as Licenças de estabelecimento Comercial ou Industrial devidas pelas empresas singulares ou colectivas ou suas sucursais, filiais, agências, delegações, correspondências e estabelecimentos que exerçam qualquer ramo de comércio ou de indústria na circunscrição Municipal.

As licenças que não forem solicitadas durante o mês de Abril poderão sê-lo, e bem assim pagas voluntariamente, nos dois meses seguintes, acrescendo, neste caso, os respectivos juros de mora.

As licenças dos estabelecimentos novos, isto é, daqueles cuja abertura se realize posteriormente ao mês de Abril, serão pagas eventualmente nos 30 dias seguintes ao início da actividade tributada, podendo sê-lo ainda voluntariamente nos 15 dias posteriores, acrescendo neste caso, os respectivos juros de mora.

Findos estes prazos será

pagando as suas cotas cumpriram um dever para com esta Casa.

Não chega; é preciso mais, muito mais; é necessário que venham até nós, que tragam ideias novas, que se proponham trabalhar, render os que há tanto tempo se dedicam a uma tão justa e dignificante causa, para que todos possam de qualquer modo fazer mais alguma coisa neste mundo do que egoisticamente cuidar apenas da sua vida e da sua fazenda.

Lembrem-se de que esta Corporação é das mais bem apetrechadas do País. Afóra as três ou quatro principais cidades, é Guimarães a que dispõe de melhor material em serviço. Ainda assim estamos muito longe de possuir tudo o que é necessário.

A Câmara Municipal contribui, é certo, com aquilo que lhe é possível, para podermos fazer face aos grandes encargos administrativos e manutenção de um piquete permanente. Dispõe esta Associação de uma pequena reserva para atender imediatamente a qualquer despesa imprevista de ordem urgente e poder logo que possível ir substituindo as viaturas que não podem durar sempre. Essa pequena reserva, porém, não chega, pois há material que dentro em pouco é obsoleto e hoje qualquer viatura, convenientemente apetrechada, custa centenas de contos.

Esta Direcção conseguiu ainda há pouco, como é do conhecimento geral, uma viatura para ataque de incêndios por meio de neveiro. Trata-se de uma unidade importante para actuar numa região industrializada como a nossa, cuja falta há muito se fazia sentir.

Mercê de esforços feitos e com a ajuda de um ilustre vimaranense que não esquece nunca a sua Terra, o Engenheiro Duarte Amaral, entrou ao serviço da Corporação esta nova viatura.

Outro material foi incorporado, salientando uma moderna motobomba, cuja falta se fazia sentir, beneficiando grandemente a série de material desta ordem.

O que é que querem mais? Ah! se houvesse qualquer escandalozinho... para ser explorado nos lugares do costume, se cá dentro se tivesse, algum dia, praticado qualquer acto menos honesto, então, sim; não faltaria ninguém às Assembleias Gerais, para zurzirem os maus dirigentes, os péssimos colaboradores de uma obra meritória desta Velha Cidade, que não souberam cumprir com as suas obrigações, portando-se como péssimos vimaranenses.

Mas isso não se dará, como não se deu felizmente durante estes já longos anos e por isso mesmo não há que fazer nesta Casa... Terminou como principiei. Foi uma tristeza, apenas três sócios souberam cumprir o seu dever.

Guimarães, Março de 1958.

A. Andrade.

levantado o auto de transgressão a todos os contribuintes que não tenham solicitado nem pago a sua licença.

Se o contribuinte houver solicitado na Secretaria a licença, esta tiver sido liquidada e registada e o seu pagamento se não efectuar no mesmo dia na tesouraria municipal, cancelar-se-á esse registo e debitar-se-á ao tesoureiro a importância da licença para efeito de procedimento executivo.

Aos contribuintes cuja taxa de licença exceda 50.000\$00 e tenham apresentado a respectiva declaração até 28 de Fevereiro, é permitido o pagamento da licença em duas prestações iguais, uma durante o mês de Abril e a outra no mês de Outubro. A falta de pagamento, da 2.ª prestação, não dá lugar à aplicação de multa, mas findo o prazo de pagamento voluntário com juros de mora (Novembro e Dezembro), debitar-se-á o imposto em dívida para efeito de imediato procedimento executivo.

Nenhuma licença poderá ser concedida, sem que nos termos dos §§ 1.º e 2.º do Art. 135.º do Decreto n.º 16.731, de 13 de Abril de 1929, com a redacção que lhe foi dada pelo Art. 1.º do Decreto n.º 38.739, de 2 de Maio de 1952, o interessado apresente na Secretaria da Câmara o conhecimento da contribuição industrial paga ao Estado ou o duplicado da declaração quando se trate de novos estabelecimentos.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho de Guimarães, 22 de Março de 1958.

O Presidente da Câmara Municipal, Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira. (178)

ECOS

Foi plantado, ao lado do templo de S. Dámaso, descoberto pelas demolições recentemente ali feitas, um renque de árvores, que quando enramadas, formarão um biombo de folhagem que esconderá essa parte do templo!

— Pretender-se-á, assim, afirmar que esta igreja não pode ser retirada desse para outro lugar e que as árvores ali plantadas, são o índice dessa impossibilidade?

Se assim é, a aspiração dessa Alameda foi chão que deu uvas, destruída pelo obstáculo dessa igreja que teima em ficar, mesmo contra a vontade geral, comprometendo definitivamente a perspectiva desse grandioso embelezamento que tanto beneficiaria esta velha urbe.

Melhor fora, portanto, que antes de se proceder às custosas demolições levadas a cabo para a abertura da alameda, se tivesse ponderado nessa dificuldade, evitando assim o forçado desalojamento de dezenas de famílias e contribuído ainda para o agravamento da crise de habitação que a cidade sofre.

Com o dinheiro ali gasto, novas ruas se rasgariam e um importante impulso se faria ao desenvolvimento da cidade nova, que estendendo-se pela vasta área do novo Liceu, forneceria suficiente espaço para a edificação de muitos prédios, tão necessários; de ruas amplas, avenidas e alamedas, cheias de sol, higiénicas e alegres.

E o velho burgo continuaria a possuir as suas características indelétricas, com as suas ruas angustosas, as suas vielas e becos escondidos, os seus templos, velhos edifícios e monumentos históricos de tempos remotos, a conservar e a venerar cuidadosamente, para apreciação do turista e admiração do forasteiro.

A.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 20, a sr.^a D. Maria José Alves de Castro, esposa do nosso prezado amigo sr. João de Castro, do Pevidém; no dia 24, os nossos prezados amigos srs. Francisco Laranjeiro dos Reis e A. Mário dos Santos Martins, conceituado comerciante no Porto, e a sr.^a D. Maria Emilia Cardoso Dias de Castro Freitas, ausente em Africa; no dia 25, o acadêmico sr. José Albino Couto Neves da Silva, filho do sr. José Manuel Neves da Silva, já falecido, e da sr.^a D. Maria Amélia Couto Neves da Silva, parteira na Póvoa de Varzim, e a sr.^a D. Maria Augusta de Magalhães e Sousa Abreu, esposa do nosso bom amigo sr. José de Abreu Oliveira; no dia 26, a sr.^a D. Ana Pereira Gonçalves Soares, esposa do nosso bom amigo sr. Amadeu Soares, amanuense da Santa Casa da Misericórdia; no dia 27, o menino João José de Abreu Oliveira, filho da sr.^a D. Maria Augusta de Magalhães e Sousa Abreu e do sr. José de Abreu Oliveira, e a sr.^a D. Maria Eduarda de Oliveira Bastos; no dia 28, as sr.^{as} D. Maria Margarida I. Teixeira Rua de Sousa, esposa do nosso prezado amigo sr. Ezequiel de Sousa, residentes em Vizeu, e D. Angelina Martins Ribeiro, esposa do sr. António Pereira Caldas, de Gondar; no dia 29, as sr.^{as} D. Deolinda Lobato Braga, esposa do nosso prezado amigo sr. Alberto Vieira Braga, e D. Aurora Faria Martins, filha do nosso prezado amigo sr. António Faria Martins, de Pevidém, e os nossos prezados amigos srs. António de Carvalho Jacinto e João de Passos Ferraz, este residente na Póvoa de Varzim; no dia 30, o nosso prezado amigo sr. José Nunes Pinto; no dia 31, o nosso prezado amigo sr. Pedro Nunes de Freitas, residente em Vila do Conde, a sr.^a D. Conceição da Costa Barros e o sr. Vitor Manuel de Matos Machado, de Tomar.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Comendador Alfredo da Silva Peixoto — Fez anos este querido amigo, residente em Macéió, Estado de Alagoas (Brasil), a quem felicitamos endereçando um grande abraço.

Regresso a Lourenço Marques
Regressou a Lourenço Marques, onde é conceituado comerciante, sócio de uma importante firma, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. João da Silva Antunes, que há alguns meses se encontrava entre nós, onde é geralmente estimado.

Desejamos-lhe feliz viagem e a continuação das maiores prosperidades.

Regresso de Angola
Regressou ontem, de uma viagem comercial a Angola onde se encontrava há alguns meses, o nosso prezado amigo sr. Domingos António Leite de Freitas Fernandes. Cumprimentámo-lo.

De Lisboa
Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso querido amigo e ilustre Presidente da S. M. S. sr. Coronel Mário Cardoso.

Dos Açores
Regressou dos Açores, o nosso prezado amigo sr. Benjamim Pereira dos Santos.

Casamento elegante
No passado domingo e na capela particular do palacete da Quinta, residência dos pais da noiva, matrimoniarão-se a gentil vimarense sr.^a D. Maria Fernanda Teixeira de Oliveira, filha do nosso amigo e importante industrial e proprietário sr. Belmiro Mendes de Oliveira, e de sua esposa a sr.^a D. Maria Beatriz Teixeira Carneiro, e o distinto médico portuense sr. dr. Antero Nicolau Azevedo Costa Calheiros Lobo, natural de S. João da Madeira, filho do capitalista sr. Antero Calheiros Lobo, e de sua esposa a sr.^a D. Maria Belo Azevedo Costa Calheiros Lobo.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seu pai e sua tia a sr.^a D. Maria dos Anjos Freitas Carneiro, e por parte do noivo o sr. dr. Manuel Gomes de Almeida e esposa a sr.^a D. Maria das Neves Afonso Gomes de Almeida. Conduziu as alianças o sobrinho da noiva, o menino António José Cruz Mendes, e foram suas caudatárias, também seus sobrinhas, as

meninas Aida Maria Cruz Mendes, Maria de Fátima Oliveira Almeida e o menino António José de Oliveira Almeida.
Presidiu à cerimónia o venerando Arcebispo Primaz, que foi acolitado pelos rev. P. José Fernandes Ribeiro, pároco da noiva e P.^a António de Araújo Costa, Arcipreste. O Prelado abençoou os noivos, dando-lhes a bênção papal e dirigiu-lhes uma paternal alocução. Esteve ao harmonium o rev. P.^a Manuel Faria.

A noiva, que vestia uma formosa toilette de brocado branco, fez o trajecto de sua casa à capelinha sob passadeiras de linho branco, enquanto que graciosas lavradeiras, vestidas à região, a cobriam de pétalas de flores brancas.

Após a religiosa cerimónia, a que assistiram mais de duzentos convidados, em casa dos pais da noiva foi servido um finíssimo «copo de água», que deu motivo às mais entusiásticas manifestações de simpatia aos noivos.

Na corbeille dos noivos viam-se valiosíssimas prendas.
Os recém-casados, que fixam residência no Porto, seguiram em viagem de núpcias para o estrangeiro. Desejamos-lhes uma prolongada lua de mel.

Baptizado

Na paróquia de N.^a S.^a da Oliveira, baptizou-se no dia 16, uma menina, filhinha da sr.^a D. Maria Alice Pereira Rodrigues de Carvalho Barros e do sr. José de Carvalho Barros, recebendo o nome de Madalena Sofia. Foram padrinhos o sr. António Francisco Gonçalves de Castro e a sr.^a D. Natália Albertina Pereira de Almeida Rodrigues que, por procuração, representava a sr.^a D. Maria José Xara Brasil Rodrigues, filha do sr. Embaixador de Portugal na Noruega e de sua esposa residentes em Oslo.

Movimento Familiar

Com sua esposa esteve nesta cidade, tendo já regressado a Lisboa, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Alfredo Faria Martins.
— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Comendador Dr. Francisco Meireles, de Celorico de Basto.
— Regressou de Lisboa, há dias, o nosso prezado amigo sr. Capitão José Maria de Magalhães Couto.

Enfermos

Tem passado iigemente doente a sr.^a D. Rosa Pereira de Freitas Oliveira Cosme.
— Do Hospital da Misericórdia já regressou a casa de seus pais, em vias de restabelecimento, o nosso prezado amigo sr. Mário Simões de Sousa Meneses.

— Vão passando melhor de seus incómodos os nossos prezados amigos srs. Alfredo Guimarães, António Lage Jordão, José António Lage Salgado Baptista e António Caires Pinto de Madureira.

— Tem passado doente o nosso bom amigo sr. António Augusto Leite de Freitas Fernandes.
— Em consequência de um desastre, ocorrido há dias, passa doente a sr.^a D. Maria da Glória Rocha dos Santos.

— No Hospital da Misericórdia foi operada de urgência ao apêndice, a menina Maria Amélia Cardoso de Meneses, filha do nosso prezado amigo sr. dr. Sebastião Lobo Cardoso de Meneses.
— Já se encontra quase restabelecido o nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado.

— Vindo de Lisboa encontra-se na sua «Casa da Gracinha», em Gondomar, a restabelecer dos seus últimos incómodos, o nosso querido Amigo e distinto Pintor de Arte, sr. Prof. Abel Cardoso, que ali tem recebido a visita de muitos amigos, ao número dos quais nos honramos de pertencer.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Adriano Machado
Vizela, 17 — Na sua residência à Avenida do Hospital, faleceu repentinamente, o sr. Adriano Machado, de 66 anos de idade, antigo fabricante de ourivesaria.

O extinto era pai das meninas Maria dos Anjos e Maria Alice Machado, cunhado da sr.^a D. Fernanda Aida Alves Viana Machado e irmão do sr. Gaspar dos Anjos Machado, comerciante local.

O seu funeral, efectuou-se na passada terça-feira, para o cemitério paroquial de S. Miguel das Caldas, aonde ficou depositado em jazigo de família.

A família enlutada, os nossos cumprimentos de profundo pesar.

Virgínio Augusto de Matos Vasconcelos
Na sua residência à Praça do Conde de Agrolongo, em Braga, faleceu o sr. Virgínio Augusto de Matos Vasconcelos, de 85 anos, natural de Arnoia, Celorico de Basto.
O seu cadáver foi trasladado

para aquela freguesia, ficando sepultado em jazigo de família.

O saudoso finado era casado com a sr.^a D. Inocência da Conceição Mourão, e pai dos srs. Joaquim Augusto de Moura Vasconcelos e Alberto Augusto de Matos Vasconcelos e da sr.^a D. Beatriz de Moura Vasconcelos.
A família dorida apresentamos sentidas condolências.

Luís do Souto

Em Lisboa, faleceu, com 61 anos de idade, o nosso conterrâneo sr. Luís do Souto, antigo empresário do Teatro D. Afonso Henriques, desta cidade, e actual projecionista do «Royal Cine», casado com a sr.^a D. Emilia Nunes do Souto, e cunhado da esposa do sr. Verotido Ferreira, residente em Lisboa.

O seu funeral efectuou-se no dia 15 do corrente, para o cemitério do Alto de S. João.
Os nossos pésames à família dorida.

Bernardo Miguel António Pinheiro de Melo (Arnos)

Com 61 anos, faleceu em Lisboa o sr. Bernardo Miguel António Pinheiro de Melo (Arnos), proprietário, natural de Lisboa, filho do falecido conde de Arnoso e da sr.^a condessa D. Matilde Munró dos Anjos. Deixa viúva a sr.^a D. Maria Luísa Anjos Dinis Pinheiro de Melo (Arnos) e ers pai das senhoras Donas Leonor, Maria, Tereza e Ana, e dos srs. Bernardo, Pedro, Gonçalo e Martim Pinheiro de Melo.

O extinto, que devia acompanhar o conde de Barcelona na tentativa de atravessar o Atlântico, no «Saltillo», foi director do semanário integralista «A Monarquia Nova», e era Mõço Fidalgo da Casa Real.

O seu corpo foi depositado na Basilica da Estrela, onde foram celebrados sufrágios por sua alma.

O feretro foi trasladado no domingo para Guimarães, sendo sepultado em Jazigo de Família, no Cemitério da Freguesia de Brito, onde o préstito chegou pelas 17,30 horas.

Acompanharam o cadáver numerosas individualidades e aguardavam-no, junto do Cemitério, muitas pessoas tanto daquela freguesia, onde o extinto era muito conhecido como desta cidade.

«Notícias de Guimarães», apresenta sentidas condolências à ilustre família dorida.

De luto
Pelo falecimento de seu tio rev. P.^a Júlio Augusto Afonso, ocorrido em Remondes (Mogadouro) em 8 do corrente, está de luto o meritíssimo Juiz de Direito sr. Dr. Carlos Maria Afonso de Castro, a quem apresentamos condolências.

Vida Católica

Domingo da Paixão. Missa própria, (omite-se Ps. Judica-me), sem Glória. Credo. Prefácio da Cruz.
Paramentos de cor roxa.

A Solenidade de Lázaro Procissão de Passos

Realiza-se hoje, pelas 17 horas, se o tempo o permitir, a grandiosa Procissão de Passos, que pela riqueza dos paramentos, bem organizado figurado e briho que lhe sabem imprimir os irmãos com a sua apresentação, é, sem dúvida, um dos cortejos religiosos mais sumptuosos que se realizam no País.

A Procissão deverá, como de costume, atrair a esta cidade, grande multidão de forasteiros.

Ontem à noite, no Templo dos Santos Passos, que ostentava riquíssima decoração e se via profusamente iluminada, teve lugar a solenidade de Lázaro, durante a recepção das promessas, tendo sido grande a afluência de fiéis.
No Coro fez-se ouvir um excelente conjunto de vozes.

Festividade das Dores

No templo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco vai realizar-se na próxima 6.^a feira dia 28, com todo o brilhantismo, a festa anual em honra da Virgem das Dores, formosa imagem que ali se venera, escultura de Soares dos Reis, com o seguinte programa:

Pelas 11 horas, missa solene, com todo o esplendor litúrgico.

A noite, pelas 21 horas, Exposição solene do Santíssimo seguindo-se o Sermão pelo distinto orador sagrado o rev. dr. Gustavo de Almeida, de Lisboa, *Stabat de Mater* e Bênção Eucarística.

A parte coral será desempenhada pelo grupo coral de Vizela, sob a hábil regência do rev. Padre José de Sousa Monteiro, com grande orquestra. O templo ostentará luxuosa decoração.

Primeira Comunhão

No dia de S. José e no templo da Misericórdia, fez a sua primeira comunhão o menino Fernando Alberto Macedo Ferreira da Cunha, filho do nosso bom amigo sr. Bento Ferreira da Cunha e de sua

GAZCIDLA



Fogões, Fogareiros, Esquentadores para Banho, Candeeiros, Frigoríficos, etc.

Vendas até 24 prestações

AGENTES EXCLUSIVOS NO CONCELHO:

TEIXEIRA & FREITAS, L.^{da}

Largo Navarros de Andrade — Telef. 4547
GUIMARÃES

Viva com GAZCIDLA onde quer que viva!

183

D. Zulmira Pereira de Freitas Pires

Agradecimento e Missa do 30.^o dia

João de Deus Pereira, filhos, nora e irmãos da saudosa Zulmira Pereira de Freitas Pires, vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram compartilhar da profunda dor que tanto os torturou, por ocasião do seu falecimento, em Lisboa, e participam que a Missa do 30.^o dia, por sua alma, se celebrará no próximo dia 27, às 9 horas, na capela da V. O. T. de S. Francisco, pedindo a fineza da assistência ao piedoso acto, o que, desde já, agradecem gratos.
Guimarães, 20 de Março de 1958.

A FAMÍLIA.

Informações — Traduções

Ides vós, aproveitando as vantajosas organizações dos transportes
Visitar Nossa Senhora de Lourdes?
A Feira de Bruxelles?
Turistas, Industriais:
Aperfeiçoi o vosso francês prático
Le français par une française
Cécile Peigne — Grémio do Comércio.

esposa a sr.^a D. Celeste Macedo Ferreira da Cunha. A enternecedora festa assistiram os pais e outras pessoas de família do neo-comungante.

Notícias de Guimarães n.º 1269 -- 28-3-1958



COMARCA DE GUIMARAES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

(1.^a publicação)

Pelo presente se faz público de que por despacho de 11 do corrente mês, foi admitida a proposta de concordata preventiva apresentada por Adão de Almeida, casado, industrial, com sede e domicílio no lugar da Deveza, freguesia de São Martinho de Candos, desta comarca, tendo sido nomeado comissário judicial o Ex.^{mo} Senhor Artur Fernandes de Freitas, desta cidade. São por esta forma convocados os respectivos credores para dentro de trinta dias, a contar da segunda e última publicação do anúncio, apresentarem na Secretaria

Judicial desta comarca, os seus requerimentos indicando a natureza, montante e proveniência dos créditos, acompanhados dos documentos que os comprovem ou da declaração de que os não possuem; e para comparecerem no Tribunal Judicial desta comarca no dia 6 do próximo mês de Maio, pelas 14 horas, a fim de se discutir e votar, em assembleia de credores, a referida proposta de concordata.
Guimarães, 13 de Março de 1958.

O Chefe da 2.^a Secção,

António de Castro Pereira.

Verifiquei:

O Juiz de Direito do 2.^o Juízo,

Artur Lourenço.

Venda de uma propriedade, no lugar de Atães, Quinta do Pulo. Paga 5 carros de cereal.
Informa Dr. Fernando Pizarro de Almeida.

Trespasse Trespassa-se casa comercial, com boa situação, bem aparelhada e condições especiais de pagamento.
Informa esta redacção.

Câmara Municipal de Guimarães

EDITAL

Faz-se público que no dia 9 de Abril de 1958, pelas 17 horas, na Sala de Sessões da Câmara Municipal do concelho de Guimarães, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público da obra de «Construção de um Bairro para Famílias Pobres, em Urgez».

Base de licitação 2.648.118\$00 (Dois milhões seiscentos e quarenta e oito mil cento e dezoito escudos)

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações, o depósito provisório de 66.300\$00 (sessenta e seis mil trezentos escudos), mediante guia passada pela Secretaria da Câmara Municipal em qualquer dia útil, durante as horas de expediente até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Repartição de Obras da Câmara Municipal de Guimarães.

Guimarães, 12 de Março de 1958.

O Presidente da Câmara Municipal,

José Maria Pereira de Castro Ferreira. 170

Bom prédio com jardim, campos com ramadas, tanques, lago, estufa, etc., dando bom rendimento. Situado em Fafe. Vende-se. Dão-se informes na redacção. 182

Precisa-se de operário encarregado para oficina de serralharia civil, desenvolvido na direcção de operários, que conheça desenho e saiba soldar, com 25 a 40 anos de idade. Ordenado a combinar. 189

DESPORTO

A Maratona do Futebol Nacional

Covilhã, 2—Vitória, 0

O trio de arbitragem «reforçou» a equipa serrana...

A Maratona prosseguiu na sua fase decisiva e desta vez ganharam todas as equipas que jogaram nos seus terrenos. Eis os resultados: Covilhã, 2-Vitória, 0; Boavista, 5-Atlético, 2, e Farense, 2-Olhaneense, 0.

Na luta decisiva para o alcance do lugar desejado na divisão maior há factores fundamentais a ter em conta. Para que um encontro decorra dentro da normalidade existe a necessidade de ele ser dirigido de maneira a que a justiça seja equilibrada, isto é, não favoreça qualquer dos contendores.

Todos aqueles que estiveram na Covilhã vieram-nos dizer que a arbitragem do jogo influiu decisivamente no seu resultado final. O árbitro do encontro, já há muito tempo metido nestas coisas de dirigir jogos de futebol, não soube ou não quis afastar-se da influência do ambiente caseiro. E' seu velho hábito, comprovado pela sua carreira de mediocridade, que nunca o destacou no desempenho desta função.

Porém é preciso evitar-se casos como este. Quem luta abnegadamente no desejo de se evidenciar, não deve ser coartado de alanciar o seu destaque por influência, estranhas ao próprio jogo. Por razão registamos aqui estas palavras, esperando que elas sejam ouvidas por aqueles que superintendem neste ramo fundamental do futebol.

Os resultados decisivos destes jogos não podem ser desvirtuados na sua realidade e, nesta segunda jornada da fase final, tanto na Covilhã como no Bessa, a arbitragem não esteve à altura das necessidades da prova...

A equipa do Vitória não se apresentou para o jogo da Serra da Estrela dentro das suas reais possibilidades. A falta de Bártolo e Ernesto tiraram ao ataque vimezanense aquele poder de infiltração, que o faz ser o mais eficiente das equipas concorrentes à prova.

Esta foi possivelmente uma das razões que influíram no resultado final da contenda, pois a outra já a apontámos inicialmente e foi a actuação da arbitragem.

O resultado da partida, porém, não é decepcionante. O jogo da Covilhã era, em princípio, um encontro de perder. Mesmo os números finais dele estão dentro daquele limite que deixa intacta toda a possibilidade futura de os tornar inofensivos. Por isso deve este encontro ser encarado por todos como coisa passada, mas facilmente rectificável dentro de pouco tempo.

Finalmente anotemos, para a História deste jogo, a boa exibição de Silveira e a confirmação prometida de Augusto Silva.

Ficha do jogo: Vitória—Sebastião, Daniel e Abel; Virgílio, Silveira e João da Costa; Augusto Silva, Romeu, Cívico, Barros e Rola. Covilhã—Rita, Helder e Lourenço; Lanzinha, Cavém e Cabrita; Martin, Martinho, Tonho, Gabriel e Oscar Silva. Arbitragem de António Calheiros, de Lisboa. Os dois golos da Covilhã foram da autoria de Tonho.

A jornada de hoje engloba os seguintes encontros: Vitória-Boavista; Farense-Covilhã, e Atlético-Olhaneense.

E' um encontro de fundamental importância este que o Vitória vai realizar no terreno da Amorosa. A equipa vimezanense encontra-se bem penetrada da necessidade que tem de triunfar, mas para tornar realidade esta ambição, há necessidade absoluta de apoio constante por parte dos seus adeptos. Temos necessidade de fazer valer a vantagem de jogar em nossa casa. Isso consegue-se fundamentalmente com vibração por parte do público, nunca desfalecendo no seu apoio, gritando permanentemente—VITÓRIA, VITÓRIA, VITÓRIA!

L. R.

EXCURSÃO A OLHÃO para acompanhar o Vitória

Conforme noticiámos, a direcção do Vitória e a Empresa Amândio de Oliveira, organizam uma excursão ao Algarve, para acompanhar a equipa do Vitória, no jogo com o Olhanense. Os poucos bilhetes que restam, podem ser marcados na Cervejaria Martins, do Toural. O preço da viagem é de 250\$00, fora hospedagem, partindo a excursão na quinta-feira, dia 27 do

corrente, às 12,30 horas, com paragem nas Caldas da Rainha ou Vila Franca de Xira, para pernoitar, e chegada a Faro, na sexta-feira, a meio da tarde. O regresso será por Beja, onde se pernoitará no domingo, com chegada a Guimarães na segunda-feira.

«DIA DO CLUBE»

Dentro do deliberado na última assembleia geral, a Direcção do Vitória considera o encontro de hoje, entre o Vitória e o Boavista, como «Dia do Clube». Tem, portanto, os associados do Vitória, para assistirem ao encontro, de adquirirem um bilhete especial de ingresso no campo, o qual se encontra à venda na Sede ou nas bilheteiras do campo como habitualmente.

Bilhetes de boa vontade

A Comissão de Auxílio do Vitória põe hoje mais uma vez à venda os seus Bilhetes de Boa Vontade. Como sempre, espera-se o melhor acolhimento para os mesmos, por parte dos sócios e adeptos do Clube, quanto para mais eles dão, também, como sempre, direito a valiosos brindes. Os brindes de hoje são: 1 jogo de banho completo, 1 ferro eléctrico e 1 corte de popeline para camisa.

Campeonato Nacional de Juniores

O Desportivo Francisco de Holanda, jogando no Porto com o Boavista, para este torneio, perdeu por 1-2. Este resultado pode considerar-se satisfatório e promete recuperação da equipa escolar na prova em curso. Hoje, o D. F. de Holanda, jogará novamente no Porto, contra o F. C. Porto.

Conversando com Ele...

Fernando Vaz, na sua conversa de hoje conosco, explica aos nossos leitores a maneira como decorreu o encontro da Covilhã, satisfazendo assim o seu habitual interesse.

—? — A segunda fase do Campeonato Nacional da II Divisão iniciou-se da pior maneira para o Vitória de Guimarães.

Em dois jogos, não pudemos contar com todas as unidades titulares de que dispomos. Primeiro foi a lesão de Ernesto no jogo contra o Farense, baixa essa que nos impediu, porventura, a consecução dum resultado mais expressivo. Depois, surgiu-nos a partida da Covilhã, fora de casa, numa altura em que não pudemos incluir na nossa equipa Ernesto e Bártolo, duas «pedras» base do nosso ataque.

O «handicap» que oferecemos aos nossos dois primeiros adversários foi sobremaneira notório e influente para que tenhamos necessidade de lhe conferir relevo e apontar as consequências.

No jogo da Covilhã, disputado num ambiente escaldante se não hostil, a nossa turma acusou, em certa medida, os efeitos das ausências forçadas de Ernesto e de Bártolo, os elementos mais acutilantes do nosso ataque.

Não podia o Vitória, por isso, ser igual a si próprio nas condições desvantajosas em que jogou, sobretudo se considerarmos a inferior actuação do árbitro, cuja versatilidade de critério influiu, decisivamente, contra nós, no desfecho da partida.

—? — Perdemos mal um jogo que não merecíamos ganhar.

Lutamos, no entanto, com brio e pundonor, predicados que já abonam uma equipa, sobre a qual impendem pesadas responsabilidades.

No segundo tempo, chegamos mesmo, a ter períodos em que exercemos acentuado domínio territorial e técnico, mas não bastou demonstrar semelhante superioridade, pois faltaram os golos para corporizar esse ascendente.

E' certo que se o árbitro não nos tem invalidado o excelente

golo de Romeu, a feição da partida podia ter-se modificado, já por coincidir com o melhor momento da nossa turma, já porque a consecução desse tento, haveria de pesar no rendimento das duas equipas.

Também no primeiro tempo, uma flagrante prisão de pernas que derrubou o nosso interior Romeu, no momento em que ia atirar ao golo, passou em claro, ante a complacência do juiz da partida.

Não fomos felizes nesta deslocação à Covilhã, mas nada está perdido.

Temos tempo e possibilidades de recuperar este atrazo. Assim a sorte não nos desajude, como ultimamente tem feito no tocante às lesões, que tanto têm enfraquecido a nossa equipa.

—? — Queremos significar uma vez mais aos adeptos do Vitória, que se deslocaram à Covilhã, a nossa admiração e o reconhecimento da nossa equipa pelo apoio que prestaram aos nossos rapazes nos maus e nos bons momentos que se viveram no campo do Sporting da Covilhã.

A lição foi elucidativa. Atente-se no clima de excitação, de entusiasmo fremente e de eferescência que na Covilhã rodeou jogadores e árbitro... e teremos aprendido a compreender quanto pesa e influiu no rendimento de uns e no trabalho de outro... o ambiente do jogo.

«A bon entendeur salut!»

ANÚNCIO CERTIDÃO

Clarisse Gomes da Silva, Licenciada em Direito pela Universidade de Lisboa e notária na Secretaria Notarial da cidade de Guimarães, situada ao Largo da Condessa do Juncal, número vinte e sete.

Certifico que de folhas sete verso a dez verso, do meu livro de notas número quinhentos e quinze D, para actos e contractos que não sejam de compra e venda, confissões de dívida com ou sem hipoteca, quitações, valor indeterminado, declarações de sucessão, doações e partilhas, se encontra exarada uma escritura cujo teor é como segue:

Escritura de Constituição de Sociedade

Outorgantes: João de Almeida Ribeiro, casado; Simão Ribeiro de Almeida, casado, e outros, residentes em Guimarães.

A um do mês de Março do ano de mil novecentos e cinquenta e oito, nesta cidade de Guimarães e Secretaria Notarial, situada ao Largo da Condessa do Juncal, número vinte e sete, perante mim, Clarisse Gomes da Silva, Licenciada em Direito e notária do concelho, compareceram como outorgantes:

Primeiro

João de Almeida Ribeiro, casado, industrial e morador no lugar da Ilha dos Amores, da freguesia da Costa, deste concelho;

Segundo

Simão Ribeiro de Almeida, casado, industrial;

Terceiro

António Jeremias Soares de Abreu, casado, comerciante e natural da freguesia de Fonte Arcada, do concelho da Póvoa de Lanhoso, e

Quarto

António Garcia de Sousa Ventura, casado, comerciante e morador no lugar da Fonte Santa, da freguesia de Urge-

zes, também deste concelho, sendo naturais da freguesia de São Sebastião, desta cidade, onde residem, respectivamente à rua Doutor José Sampaio e Avenida Cónego Gaspar Estação, aqueles a quem não foi indicada a naturalidade e residência.

São todos pessoas, cuja identidade reconheço, por me ser abonada pelas testemunhas ao diante nomeadas, no fim assinadas e minhas conhecidas.

E por eles outorgantes, foi dito: Que, pela presente escritura constituem uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regulará pelos artigos seguintes:

Primeiro

A sociedade adopta a firma de «Ribeiros, Abreu & Ventura, Limitada», e vai ter a sua sede nesta cidade, em local a designar;

Segundo

A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início, para todos os efeitos de direito desde um de Janeiro de mil novecentos e cinquenta e oito;

Terceiro

A sociedade tem por objecto, o ramo de comércio de roupas feitas, podendo porém, ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria, excepto o bancário;

Quarto

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de oitenta mil escudos, dividido em quatro quotas de vinte mil escudos cada uma, subscritas por cada um dos sócios;

Quinto

A gerência, dispensada de caução e sem retribuição, pertence a todos os sócios, podendo, por isso, qualquer deles representar a sociedade em juízo ou fora dele, activa e passivamente, mas, para que a firma fique obrigada são necessárias duas assinaturas, devendo qualquer dos sócios João de Almeida Ribeiro ou Simão Ribeiro de Almeida, assinar conjuntamente com qualquer dos sócios António Jeremias Soares de Abreu ou António Garcia de Sousa Ventura;

Sexto

Os balanços serão anuais e fechar-se-ão em trinta e um de Dezembro de cada ano, devendo os lucros líquidos nele apurados, depois de retirados cinco por cento para fundo de reserva legal, serem divididos pelos sócios na proporção das respectivas quotas e sendo igualmente suportados os prejuizos se os houver;

Sétimo

A cessão de quotas é livre entre os sócios; porém para estranhos só pode fazer-se com o consentimento dos outros sócios, que terão sempre o direito de preferência;

Oitavo

No caso de qualquer dos sócios pretender afastar-se da sociedade, comunicá-lo-á com a antecedência mínima de três meses à sociedade por meio de carta registada;

Parágrafo único

O pagamento de tudo que pertença ao sócio que sair da sociedade far-se-á após ser dado um balanço e o que se apurar pertencer-lhe será pago em quatro prestações trimestrais e iguais, acrescido do juro da taxa do desconto do Banco de Portugal, à data da cessão, salvo, se os cessionários preferirem pagar tudo a pronto;

Nono

Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade não se dissolve e continuará com os herdeiros legítimos do falecido ou interdito, os quais, entre si, nomearão um só, maior e capaz, que a todos represente na sociedade;

Parágrafo único

Se estes herdeiros ou representantes do incapaz, não quiserem continuar na sociedade, proceder-se-á nos termos da cláusula oitava;

Décimo

A convocação das assembleias gerais, far-se-á por carta registada, com aviso de recepção, dirigida aos sócios com a antecedência de quinze dias;

Décimo primeiro

Em tudo o mais regularão as disposições legais applicáveis.

Assim disseram.

Foi-me apresentada e arquivado para os devidos efeitos, uma certidão expedida em data de hoje, pela Conservatória do Registo Predial e Comercial deste concelho, em face do requerimento ali apresentado em igual data, sob o número um do diário, comprovativa de que nos seus livros de Registo Comercial, não se encontra matriculada nem registada, qualquer firma igual ou semelhante à adoptada, ou que com ela, se possa confundir.

Foram testemunhas cuja idoneidade verifiquei João Maria Dias, solteiro, maior, e Francisco Antunes Fernandes, casado, ambos empregados comerciais e residentes nesta cidade, os quais comigo notária e outorgantes, vão assinar esta escritura, depois de por mim ser lida e explicada em voz alta, na presença simultânea de todos, aponto os outorgantes a impressão digital do indicador direito, pela ordem mencionada.

João de Almeida Ribeiro.
Simão Ribeiro de Almeida.
António Jeremias Soares de Abreu.
António Garcia de Sousa Ventura.
João Maria Dias.
Francisco Antunes Fernandes.

A Notária,

Clarisse Gomes da Silva.

Tem apostas à margem quatro impressões digitais.

Imposto do selo—quinhentos e vinte escudos. C. G. Silva.

Verbete estatístico número nove—Série oitocentos e sessenta e oito—conhecimento, digo Série M. X. Conhecimento número oitocentos e sessenta e oito. C. G. Silva.

Conta:—Artigo primeiro, quarenta e cinco escudos—artigo primeiro parágrafo primeiro, cento e sessenta escudos—artigo vinte e dois parágrafo primeiro, vinte escudos. Soma, duzentos e vinte e cinco escudos. Artigo duzentos e vinte e cinco, um escudo e cinquenta centavos—selo, quinhentos e vinte escudos—artigo dezoito, dois escudos e cinquenta centavos—verbete, oitenta centavos—mais despesas, trinta e dois escudos. Total, setecentos e oitenta e um escudos e oitenta centavos. São setecentos e oitenta e um escudos e oitenta centavos. Registada no respectivo livro sob o número três. C. G. Silva.

Livro quinhentos e quinze D folhas sete verso—Em um Março mil novecentos e cinquenta e oito.

Excelentíssimo Senhor Conservador do Registo Predial e Comercial do Concelho de Guimarães.

João de Almeida Ribeiro, casado, industrial, desta cidade, requer que Vossa Excelência lhe certifique se no Registo Comercial deste concelho está matriculada e registada qualquer sociedade igual ou de tal modo semelhante que possa induzir em erro com a de «Ribeiros, Abreu & Ventura, Limitada», que vai ter a sua sede nesta cidade.

Pede deferimento, João de Almeida Ribeiro.

Conservatória Registo Predial de Guimarães. Apresentação um de um/três/mil novecentos e cinquenta e oito. O Ajudante da Conservatória, Ferreira.

CERTIDÃO

Domingos Marques Ferreira, Ajudante da Conservatória Privativa do Registo Predial e Comercial do concelho de Guimarães.

Certifico que fazendo as competentes buscas nos livros de Registo Comercial deste concelho, sobre o conteúdo do requerimento supra, apresentado nesta data sob o número um do diário, verifiquei não se encontrar registada nem matriculada qualquer sociedade igual ou de tal modo semelhante que possa induzir em erro com a de «Ribeiros, Abreu & Ventura, Limitada», a que o mesmo requerimento respeita.

Por ser verdade se passou a presente certidão que, depois de revista e concertada, assino.

Conservatória Privativa do Registo Predial e Comercial do concelho de Guimarães, um de Março de mil novecentos e cinquenta e oito.

O Ajudante da Conservatória, Domingos Marques Ferreira, inutilizando devidamente uma estampilha fiscal da taxa de cinco escudos.

Tem aposto o respectivo selo branco.

Conta:—Artigo primeiro, cinco escudos—artigo décimo, vinte escudos—artigo onze, dois escudos. Soma, vinte e sete escudos. Artigo sessenta e cinco, Lei dois mil e quarenta e nove, vinte escudos—selo, despesas e arredondamento, seis escudos. Total, cinquenta e três escudos (cinquenta e três escudos). Registada no livro de emolumentos sob o número um.

Em um de Março de mil novecentos e cinquenta e oito. O Ajudante da Conservatória, Ferreira.

Acha-se dactilografada em meia folha de papel selado da taxa de cinco escudos.

E' certidão que fiz extrair e vai conforme os originais a que me reporto.

Secretaria Notarial de Guimarães, aos cinco de Março de mil novecentos e cinquenta e oito.

Emendi: «duas» «igualmente» «pertencer» «trimestrais».

Rasurei: «sócio» «Décimo» «erro» «concertada».

Tracei: «vatória».

PUPILO e NILO

Duas marcas de calçado para criança, que se impõem pelos seus originais modelos. São exclusivos da

SAPATARIA IMPÉRIO TOURAL — Telef. 4395

20.000 pés de Oliveira

Tem para venda, em viveiro, prontas a transplantar, a Quinta da Quintão, em Negrelos, (telefone n.º 27) de Alberto Pimenta Machado.

Ali se prestam indicações, vendendo-se qualquer quantidade.